

ILUSTRAÇÃO

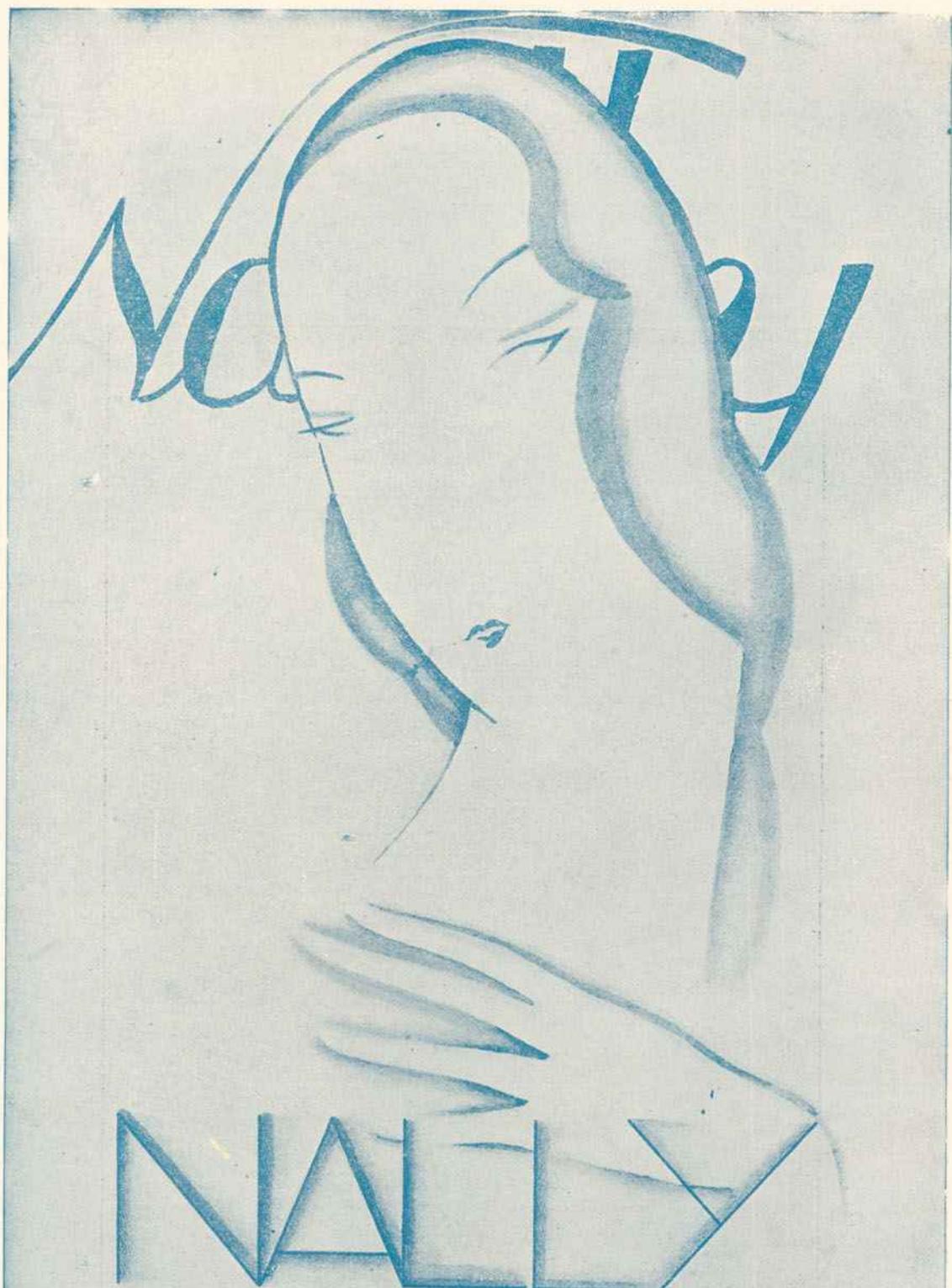


1931
1
Janeiro

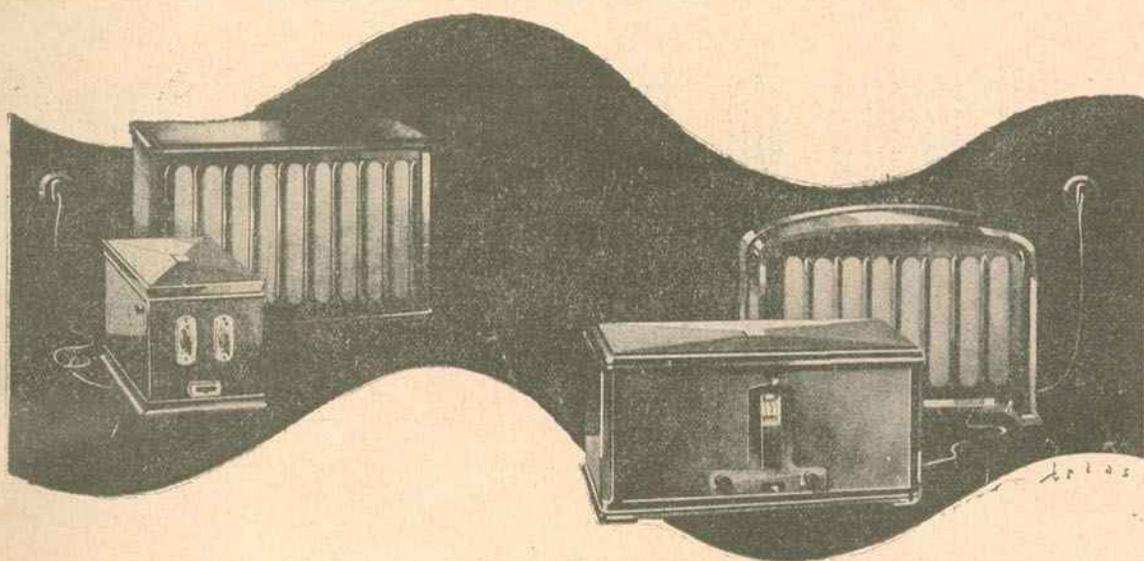
ANO VI
N.º 121

A revista portuguesa de maior tiragem
e expansão

Preço
4
Escudos



MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY



O novo receptor de
3 lampadas de ali-
mentação pelo sector

TELEFUNKEN 31

De funcionamento garantido,
ligação automática com chave.
Grande intensidade de som com
válvula final de grelha blindada

RES 164 d

O aparelho de Ra-
dio que conquistou
o mundo

TELEFUNKEN 40

O receptor europeu com selector
de estações que recebe sem an-
tena exterior qualquer emissor
europeu atingível

TELEFUNKEN



A MAIS ANTIGA EXPERIENCIA

A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO

Peça V. Ex.^a uma demonstração aos nossos agentes ou directamente á

LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 12-16

AEG

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 209-215

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados:

MANUAL DO FERREIRO	
Nova edição	13500
ELEMENTOS DE PROJECCÕES	
Nova edição	16500
FISICA ELEMENTAR	
2.ª edição	14500
TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL	
6.ª edição, revista e ampliada	16500

Outros volumes recentes:

MANUAL DO TORNEIRO E FRÉZADOR MECANICOS	
Nova edição	13500
MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS	
Nova edição, actualizada	30500
ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE	
2.ª edição	40500

No prelo:

VOCABULARIO TÉCNICO
e outros volumes

Dirigir pedidos ás
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em lingua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronômica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

32.º — ANO — 1931



OLHAR QUE FASCINA
Com o ondulador KURLASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Royal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os productos VILDI-ZIENNE e ondule-as com KURLASH. Use na toilette da noite Creme de Massagem Rainha da Hungria e da toilette diaria, Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande marca Rainha da Hungria, 5 amostras 10\$00, pelo correio 14\$00 que embeleza

Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!
Peça catalogo gratis
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
— As mais luxuosas instalações —
Directora: **M.^{me} CAMPOS**



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

**Peça-o
Senhora**



O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gozãm. Da proxima vez que V. S. tivér convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
-deira, 115 - :-
LISBOA



GRATIS

MAIZENA
DURYEA

UM ARGUMENTO DE PESO

Mais de 150 anos



de justificada fama, garantem ser a **FARINHA DE S. BENTO** um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de tôdas as idades e, em especial, fracas ou idosas. Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Depósito Geral: R. DE S. BENTO, 374 — LISBOA. — Telefone Norte 3670

NB.-ESTA BALANCA ESTÁ LEGALMENTE AFERIDA

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume
DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberimo dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças irão de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS

MAGAZINE
BENTON

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE JANEIRO

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

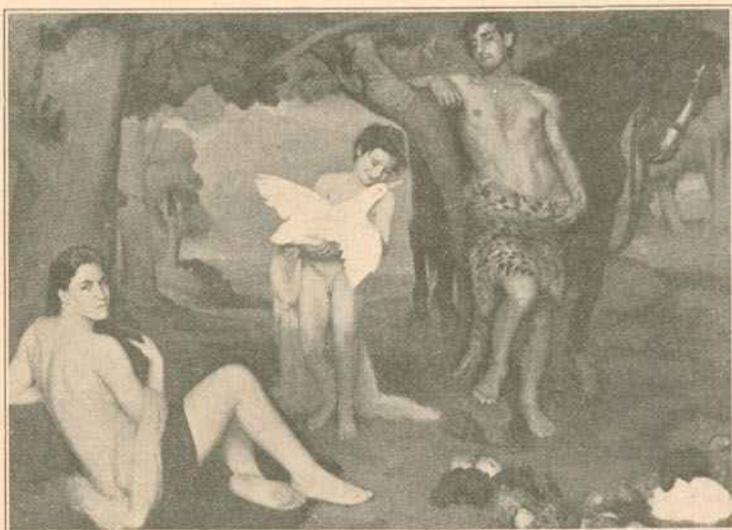
- | | |
|---|-----------------------------|
| 1— Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16— Gil Vicente |
| 2— Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17— Camilo e o Centenário |
| 3— Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18— Júlio Denis |
| 4— Alexandre Herculano | 19— Júlio Dantas |
| 5— Gomes Leal | 20— Ex-libris |
| 6— Eça de Queiroz | 21— Sonetos contemporâneos |
| 7— Guerra Junqueiro | 22— Sá de Miranda |
| 8— Eugénio de Castro | 23— Nicolau Tolentino |
| 9— Os eternos sonetos de Portugal | 24— Garcia de Rezende |
| 10— A Batalha (2.ª edição) | 25— Latino Coelho |
| 11— Bocage | 26— Soror Mariana |
| 12— Marcelino Mesquita | 27— Ramalho Ortigão |
| 13— As mais lindas quadras populares | 28— D. João da Câmara |
| 14— António Nobre | 29— H. Lopes de Mendonça |
| 15— Marquesa de Alorna | 30— A Cerâmica |
| | 31— Cartas de Soror Mariana |
| | 32— Júlio Cesar Machado |
| | 33— Manuel Bernardes |
| | 34— Gonçalves Crespo |
| | 35— Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

A maior novidade literária do momento é:

LOUIS-CHARLES ROYER



NO PAÍS DA GENTE NUA

Grande reportagem ilus-
trada pela fotografia

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.

VOLUMES PUBLICADOS:

MANOEL BERNARDES, dois volumes.
ALEXANDRE HERCULANO, 1.º volume.
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º volume.
BARROS, 1.º volume.
GUERRA JUNQUEIRO, verso e prosa, um volume.
TRANCOSO, um volume.
PALADINOS DA LINHAGEM, três volumes.
FERNAO LOPES, três volumes.
LUCENA, dois volumes.
EÇA DE QUEIROZ, dois volumes.
AUGUSTO GIL, um volume.
CAMOES LIRICO, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
ANTERO DE FIGUEIREDO.
AFONSO LOPES VIEIRA.

EM PREPARAÇÃO:

CAMOES LIRICO, 5.º volume.

Cada volume brochado . . Esc. 10\$00
encadernado ,, 14\$00

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêes, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ACABA DE APARECER

REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota officiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

PREÇO 8\$00 Esc.

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo.

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

(2.ª EDIÇÃO)

D. Duarte (O Eloquentes)

As tendências do rei e a de seus irmãos — A Rainha — O Cabo Bojador — Expedições a Tanger — A igreja e Portugal — O exército da conquista — O Infante Santo — O regente do Infante.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O testamento de Dom Duarte — Os partidos rivais — Tumultos na capital — Os príncipes de Avis — As lutas em Castela — O regente — As novas conquistas — O Infante Santo — A casa de Bragança — Fim da regência.

A 2.ª EDIÇÃO

«Historia de Portugal, de ROCHA MARTINS

Encontra-se já à venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10. Preço 35\$00 escudos. Envia-se pelo correio contra reembolso de Esc. 38\$00.

A' Classe Forense

CODIGO DO PROCESSO CIVIL ACTUALIZADO E COMENTADO

Esta notável obra, da autoria do distinto advogado dr. Azevedo Souto, acompanha em comentário todos os artigos do Código, inserindo no lugar próprio toda a legislação respectiva em vigor, e encerra, ao lado da doutrina, a mais importante e moderna jurisprudência.

O 2.º vol. é posto à venda em Janeiro.

Preço do 1.º vol. 60\$00

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11 — LISBOA



Ditosos e saudáveis.

A mãe é feliz; seu filho cheio de vida. Ambos têm saúde e são ditosos: ditosos, porque têm saúde.

A saúde, a abundância e a alegria de viver acham-se estreitamente ligadas. Mas é a saúde a base de todo o bem-estar. É da alimentação que o organismo deve tirar dia a dia o seu sustento e as forças que o dispêndio quotidiano lhe fazem perder. Saúde, capacidade de trabalho pressupõem pois uma boa alimentação. Como explicar, então, que não cessamos de absorver alimentos completamente desprovidos de todo o valor nutritivo, e mesmo algumas vezes nitidamente nusivos? Os organismos robustos podem acomodar-se a esta anomalia durante alguns anos. Mas para a saúde mais delicada das nossas mu-

lheres, e de nossos filhos somente o que ha de melhor é que é bom.

Entre esse «melhor» deve collocar-se indiscutivelmente uma chavena de Ovomaltine ao primeiro almoço. Com effeito, o que é a Ovomaltine senão a concentração, sob a forma mais assimilavel, de todos os elementos nutritivos dos alimentos mais substanciaes?

A maior felicidade para um homem, costuma dizer-se, é uma mulher ditosa e saudavel, cercada de filhos saudaveis e ditosos.

Se sois d'esta opinião, começai pois a dar-lhes Ovomaltine



A OVOMALTINE
é a saúde

À venda em todas as pharmacias e drogarias

Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correitos, 41-2º

Lisboa



ILUS TRA ÇÃO

Ano VI — N.º 121
1 de Janeiro de 1931

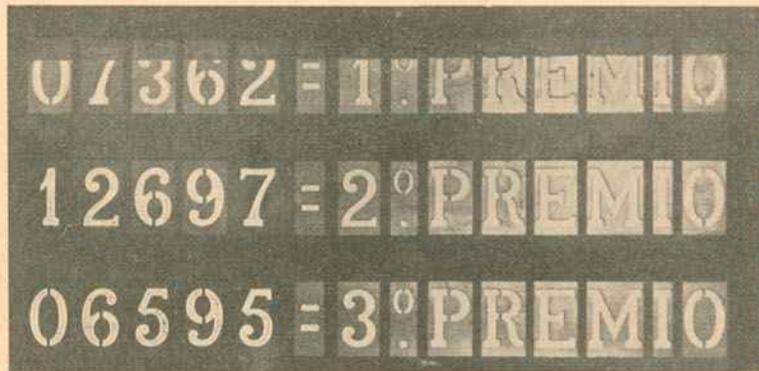
Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 . . . Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 . . .
Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO
DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 . . . Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 . . .
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd. e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.

CRÓNICA DA QUINZENA

Por toda a parte parece a bonança suceder à tempestade, pelo menos, aos fortes ventos de borrasca que se iam desenhando. Perto do Natal quem pode pensar em retaliações ou discórdias?... Não é esta a quadra que a tradição designa como de amor universal, alegrias familiares, doçura de tépidas consoualhas, quadra de filhos e de bróas que adoçam as fauces mais sequiosas de trincar?... Era de paz é o Natal, ao que se vê, por toda a parte. Em França, o gabinete Steeg, quasi escorraçado na sua estreia parlamentar, vai singrando bonacheironamente. De Inglaterra, as fúrias do honorable Birkett, chegam-nos traduzidas em loiras libras à consignação do Banco de Portugal. Na Bélgica, na Holanda, dissiparam-se os gazes misteriosos e Mahatma Ghandi parece em tréguas com a Grande Britânia. Do lado de lá do Atlântico parecem ter-se aquietado os furores gaúchos dos homens de Getúlio Vargas e os furores secos do presidente Hoover. A doçura da época rendeu, decerto, as fúrias de Mussolini e a histeria de Hitler. E aqui ao lado, a Espanha católica e monárquica não acredita no comunismo. E sabem porquê?... Diz um espirituoso humorista galego que não há comunistas possíveis em vésperas de *El Gordo* quando cada qual tem a esperança de ser, no dia seguinte, milionário. E eu digo que não há furor bélico que resista a uma broinha de erva doce.

A. C.



A taboleta denunciadora da falada e seguintes...

CÁ ESTÁ A
“TALUDA”
MEU FREGUEZ!!!



Na manhã do sorteio. Cá stá ao preço da casa!... — berra o vendedor, para desquejar.

O momento crítico. A grande esfera da Misericórdia de Lisboa largou a bolinha da grande...



EM MADRID — *El Gordo* vale trinta milhões de pesetas ou 75 mil contos na nossa moeda. Este ano foi para Valencia. No oral e em baixo, vemos as bichas que, desde a ante-véspera do sorteio, se formam ante o local da extração





VEJAM!... O NATAL DE...

Como foi o Natal de?... E acorrem à nossa curiosidade nomes, rostos, recordações de entes queridos ou célebres. Como teria sido o seu Natal?... Como?... Alegre ou triste?... E o que mais interessa saber é, talvez, como foi o Natal desta ou aquela pessoa célebre, que por ser célebre nem parece ter direito àquelas poucas horas de doce ternura do dia sagrado em que o Menino Jesus veio à terra, ao bater da meia noite. Vamos satisfazer a curiosidade?... Vamos saber como foi o Natal de...



Pamplinas, o homem que nunca ri, parece descurar um sorriso nos seus lábios melancólicos. Natália Talmadge, esposa do surmubático Buster Keaton, essa ri francamente; ou não estivessem ante eles os dois rebentes do feliz casal cinematográfico...



À esquerda, vemos uma das mais célebres bailarinas alemãs, Alice Hechy, armando, risonhamente, a sua árvore de Natal. Não sabemos os presentes que teriam caído na sua chinelinha...

Hanni Köhler, a linda desportista, campeã do mundo de motociclismo, compõe com feminino gosto, ajudada por sua mãe, a árvore de Natal da sua vivenda

(Fotos. Orélos)

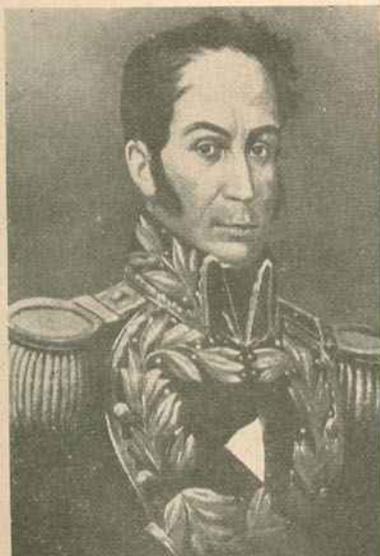


Sabem quem é este «Pai Natal», as duas senhoras e o menino que vemos aqui, à esquerda? Pois vão saber: O menino é um pobresinho protegido da Central Union Mission, dos Estados Unidos, a senhora de preto é a directora, Mrs. John Bennett, a de branco a esposa do ex-presidente Coolidge, e o barbado «Christmas» é o próprio ex-presidente, visto que esposo e esposa são os principais protectores daquele benemérito asilo de 1.000 crianças, que tiveram um lindo Natal.

A direita: — Um enternecedor grupo. Quem são?... Não se sabe... São duas crianças, dois inocentes a quem um brinquedo deu a maior alegria da sua curta e tenra vida...



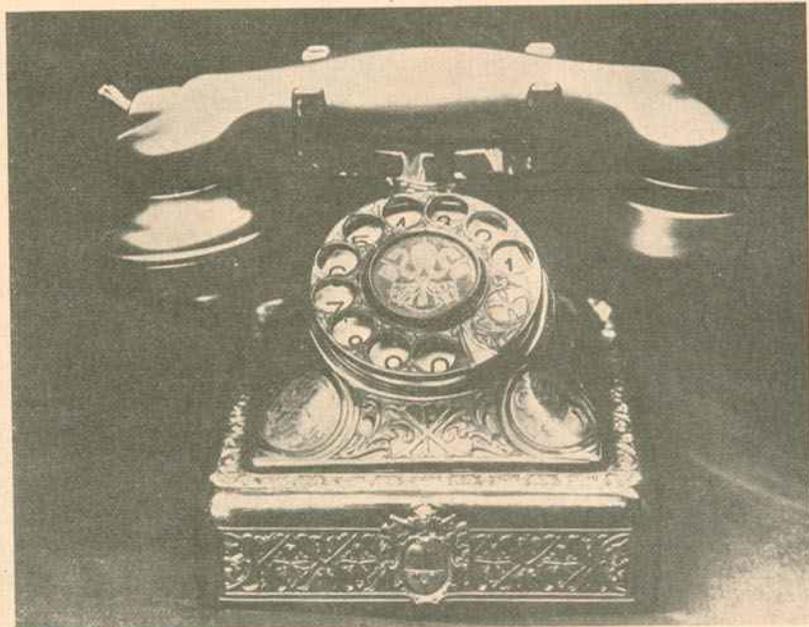
SIMON BOLIVAR



Todos os acontecimentos da Guerra da Emancipação hispano-americana giraram em torno de uma só figura: Simon Bolívar. Era militar de génio, escritor notável, tratadista de direito, orador de raça, candidato e homem de requintada gentileza. Falava quasi todas as línguas dos dois mundos. Recitava clássicos gregos e latinos, era amigo de Montesquieu e Washington. O seu lema era liberdade! E libertou cinco repúblicas sul-americanas. Em Caracas está sepultado. Venezuela foi sua pátria e deve tirar tanta grandeza que, hoje, por ocasião do centenário da sua morte, anuncia ao mundo que é o único país do Globo sem dívidas externas ou internas.

Em cima reproduzimos o retrato autêntico de Bolívar e em baixo a cerimónia que se realizou em Madrid do desceramento de uma lápide, oferecida pelo Ayuntamiento e colocada na igreja de San José, comemorativa do centenário da sua morte.

(Foto Orriós)



UM TELEFONE SIMBOLICO

O curioso aparelho que reproduzimos acima, com seus labores sumptuosos e seu registador automático, é, nem mais nem menos, como se pode comprovar pelas armas nele gravadas, do que o aparelho telefónico de que se serve Sua Santidade o Papa, no Vaticano, sua cidade e seus domínios materiais. Este telefone, todo em ouro massico finamente cincelado, liga com os 220 telefones da rede interna da Cidade do Vaticano e até, semo necessário, com a rede geral italiana e as redes internacionais. Que papel pode, no futuro, desempenhar este belo aparelho? Neste momento, ele significa a visão larga e desassomburada do actual Pontífice e a clara attitude da Igreja Romana ante a parte-sã da civilização moderna e, no futuro, pode ser um instrumento destinado a sublimes missões de paz e concórdia... — (Foto Orriós)



AOS NOSSOS LEITORES

A *Ilustração*, entrando, com este número, numa nova fase de orientação redaccional e gráfica, ainda imperfeita, decerto, mas que, a todo o custo, será levada ao possível grau de perfeição, tem o prazer de saudar todos os seus leitores e de lhes desejar as felicidades maiores em 1931

UMA CURIOSA PUBLICIDADE

A celeberrima marca de Vinhos do Porto «Ferreirinhas», afamadíssima em Portugal e estrangeiro, acaba de instalar em Lisboa um moderníssimo e arrojado réclamo de belo efeito. Assim, patra, permanentemente, sobre a haixa, uma colossal garrafa de *cantillon* cheia de gás, que ondia ao sabor da brisa, presa por um simples cabo de aço e que é a reprodução exacta das célebres garrafas do delicioso «Ferreirinhas». Instalado pela Electro-Reclamo, L.^{da} e por ela iluminado, durante a noite, o réclamo a que nos referimos e que reproduzimos aqui é uma nota curiosíssima na fisionomia da cidade.

(Foto *Ilustrações*)

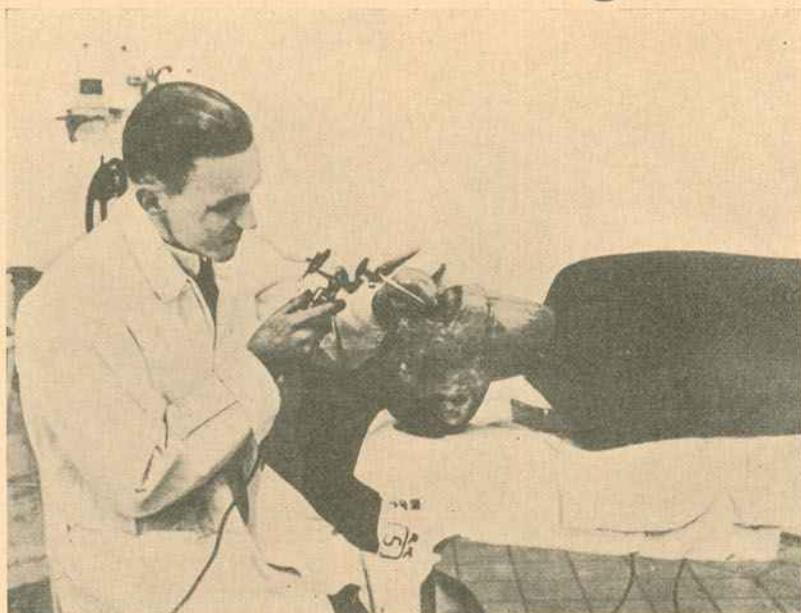




UMA RAINHA GELADA...

Não se trata, como o título poderia fazer supôr, de uma esposa de rei a quem o povo, num requinte de ferocidade anti-dinástica, metesse barbaramente num frigorífico, nem, tão pouco, soberana que à penúria falecesse gelada pela intempérie. Felizmente parece que vão abrandando os instintos populares que eliminaram a rainha Draga e teimam em não aparecer, por parte alguma, as rainhas sem meios de fortuna. Trata-se portanto de uma rainha de eleição popular, a rainha do Carnaval canadiano, festa que se realiza pitorescamente, em Novembro de cada ano. A última rainha, presidindo a um cortejo sob a neve, de gelar um Vesúvio, passeou-se em Bauff, Alberta, e chama-se Doris Parkes, de Vancouver. Aqui a deixamos em véra effigie... e em sorvete...

VEJAM!...



OBRIGADO!... OBRIGADO!...

Nas escolas de medicina, em França, acaba de se inaugurar um verdadeiro método revolucionário de ensino aos estudantes de cirurgia e protese dentária. As experiências que, até aqui, eram feitas nos pobres doentes internos ou externos, nivelados assim com os cobaias de laboratório, passam a ser feitas num paciente de metal e cimento armado com engenhosos dispositivos eléctricos que, ligados pelo mestre, a êste denunciam os erros operatórios dos alunos com precisão igual à dos gritos dos pacientes vivos que antes utilizavam. E avaliando os aprendizes por alguns dentistas já «em exercício» é caso para que a pobre humanidade grite ao anónimo inventor: Obrigado!... Obrigado!...



Quatro cabeças inéptas de Hitler.

Expressões de paranoico?!



UM NOVO ATILA?...

O senhor Hitler, chefe dos nacionalistas alemães, antigo salchicheiro e novo apóstolo de uma guerra nova, partilha com o seu rival Mussolini a glória das atenções mundiais. Não queremos

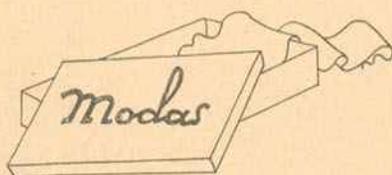
deixar de arquivar o que, sobre êle, escreveu o espirituoso cronista parisiense que assina Floe:

«As convulsões políticas, as revoluções, as guerras, desencadeiam-se quando o acôrdo não é perfeito entre os trezentos. Que trezentos? Os trezentos personagens poderosamente ricos que são os verdadeiros donos do mundo e a quem os dirigentes obedecem como cãesinhos de regaço... A guerra de 1914 resultou duma falta de entendimento sobre a partilha das riquezas da Lorena, de Marrocos e dos Balkans. De tempos a tempos um dos trezentos empurra uma

pedra para a frente sobre o tabuleiro do xadrez internacional. A última pedra... um pião... foi Hitler...»

E eis como a argúcia e o penetrante espirito de um jornalista põe, em poucas palavras, inteiramente a nú um incidente gravíssimo da política mundial que os grandes artigos doutrinários só conseguem esconder e embrulhar...





A ESQUERDA — VESTIDO DE TARDE EM «PANNE» NEGRA, PRIMOR DE SIMPLICIDADE MAS DE REQUINTADA ELEGÂNCIA, OBEDECENDO A TODAS AS LINHAS DA MODA ACTUAL. LUVAS ALTAS NEGRAS COM PINTAS BRANCAS. COLAR BRANCO E NEGRO

A DIREITA — VESTIDO DE NOITE ULTRA-MODERNO, EM «CREPE GEORGETTE» NEGRO BORDADO A SEQUINS PRATEADOS EM DESENHOS CAPRICIOSOS DE DELICIOSO EFEITO. SAIA MUITO COMPRIDA, FORMANDO CAUDA E ABRINDO EM «GOSETS». MALA DE «MOIRÉE» BRANCA E PRETA E COLAR IDENTICO EM CORES

A ESQUERDA — UM LINDO CHAPEU QUE RESSUSCITA ANTIGAS SILHUETAS ROMÂNTICAS, EM VELUDO NEGRO, JOGANDO DELICIOSAMENTE COM UMA BELEZA LOIRA

A DIREITA — BOINA BRANCA E PRETA DE VELUDO, CORTE MODERNÍSSIMO, DELICIOSO REMATE DUMA «TOILETTE», LUVAS E PELE NOS DOIS TONS QUE SÃO OS DOMINADORES DA MODA

(FOTOS ORRÍOS)





Casamento de D. Alida Rodrigues Balançula e do tenente-aviador de Marinha sr. Jerônimo Henrique Joric, realizado ultimamente na paróquia Igreja de S. Sebastião da Polfeira, em Lisboa, com grande brilho e selectíssima assistência

VEJAM!



Na capela particular de Nossa Senhora de Lourdes, a Avenida de Montevideo, Paz do Douro, realizou-se o enlace matrimonial da ex-sr.ª D. Maria do Patrocínio de Matos Pinto Coelho, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Elvira de Matos Pinto Coelho e do sr. Adriano Pinto Coelho — Elrô, Monlim de Basto, — com o sr. dr. Olindo Maurício Moreira Júnior, distinto advogado, filho da sr.ª D. Maria Rosa Moreira e do sr. Olindo Moreira, capitalista e comerciante. Celebrou S. E.ª Rev.ª o sr. D. João Esmeralda de Lima Vidal, preclaro Arcebispo-bispo de V. Real, que dirigiu aos noivos uma eloquentíssima allocução e lançou a bênção Papal, concedida por Sua Santidade

V I D A S O C I A L E M U N D A N A



EM MIRANDELA.—No solar de Suedes, propriedade do noivo, realizou-se o enlace de D. Maria Fernanda Gomes da Silva Ferraz com o sr. António de Sousa Alaide Rebelo Pvalho. Os noivos após a cerimónia nupcial



A ESQUERDA—EM BRAGANÇA—Casamento de D. Maria da Conceição de Sá Moraes com o sr. Luis Augusto Cabral, de reputadas famílias desta cidade. Os noivos após o enlace

(Foto S. Cardoso Pimenta)

(Foto S. Cardoso Pimenta)



RECORDANDO O PASSADO

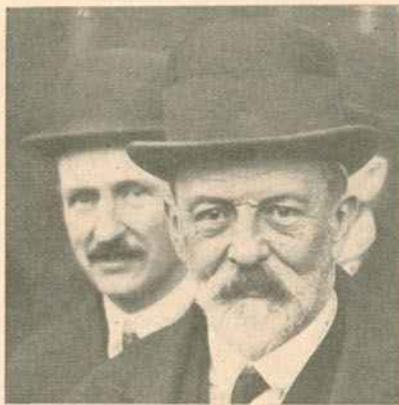
No dia 29 de Novembro findo reuniram-se, em uma festa de confraternização, para comemorar o 50.º aniversário da saída da Escola do Exército, alguns dos alunos de cavalaria e infantaria que concluíram o curso em 1886. Foi convidado a acompanhá-los o sr. general João Ricardo de Miranda Macedo e Brito, o único oficial sobrevivente dos que naquela época faziam serviço na Escola. Manifestação de alegria e saudade que, pela singeleza, a todos cativou, deo cuncho a que se recordassem os tempos idos, abordando-se com entusiasmo casos passados numa nunciade já bem distante. Na foto vêem-se, da esquerda para a direita: Senhores — Coronel Miranda Dinis, general Sousa e Albuquerque, general Macedo e Brito, coronel Belchior Machado e general Piedade Robo. De pé — Coronel Santos Fonseca, coronel Causado, o grande jornalista e panfletário Francisco Manuel Homem Cristo, coronel Rocha Teixeira e coronel Cristiano Brazill

FIGURAS MARCANTES

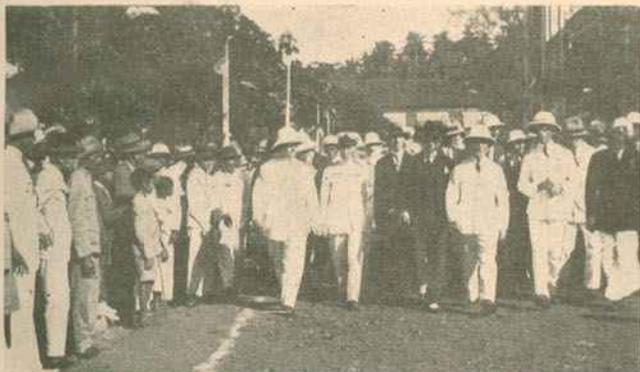


A DIREITA — Mr. Steeg, o homem do momento na política francesa, presidente dum ministério que pretende conciliar mas que pode desencadear a tempestade. No segundo plano, Mr. Chantemps, seu colaborador

(Foto Orrico)



A ESQUERDA — O ilustre jornalista e político brasileiro Carlos Mauá, autor de *Bárbara*, pesadas da terra brasileira, que, ao aparecer em 1ª edição foram festejadíssimos em todos os meios literários e intelectuais brasileiros



ECOS DA VIAGEM DO «MARÃO» A INDIA — Aspecto da recepção dos aviadores em Goa. Da esquerda para a direita: Chefe do E. M., Daniel de Matos, comandante Bivar, Juarez Noronha, Sr. Noronha, capitão Cardoso, tenente Pimentel e o representante da Câmara de Goa

NO OVAL — Assistência elegante ao baile, no Grémio de Trás-os-Montes, em homenagem aos aviadores que realizaram o raid à Índia



EM GOA — Os aviadores, em frente do Palácio do Governo, são aclamados pelo povo

NO OVAL, EM BAIXO — O ilustre comandante militar de Beja, maior António José Teixeira que foi largamente homenageado pela oficialidade da guarnição, povo e autoridades, em virtude da sua bela obra de escritor regionalista e das suas qualidades de carácter

(Clube S. Pimenta)



O MARECHAL PILSUDSKI EM PORTUGAL

O ex-ditador da Polónia, a prestigiosa figura militar que, após a guerra, incarnou a alma eternamente impetuosa da Polónia ressurgida do cativeiro, passou em Lisboa, a caminho da Ilha da Madeira onde vai descansar da sua exgotante vida de batalhador incansável. A figura, com seu quê de bárbaro, do herói polaco, toma transcendentes matizes que são o reflexo das lendas heróicas da Polónia mártir que, sob o seu pulso de ferro, novamente vive em glória e independência



deSPORTS

O mais importante acontecimento desportivo nacional do mês transacto foi, sem dúvida, o encontro de foot-ball entre as equipas representativas espanhola e portuguesa, realizado no Porto.

Não nos interessa aqui referenciar os seus pormenores ou elaborar críticas técnicas que, todas, foram já feitas. Os lamentáveis incidentes que com elle se relacionaram tão pouco podem merecer novas apreciações, pois têm sido analisados em todos os seus aspectos, julgados nas suas possíveis consequências e verberados em suas responsabilidades.

Resta-nos, para exgotar o assunto, salientarmos o valor que o encontro revestiu sob o

ponto de vista das nossas relações internacionais.

Este encontro com a Espanha, que deploráveis circunstâncias haviam seriamente comprometido, pôde ser levado a efeito graças a uma hábil política da nossa Federação e mercê da dedicada colaboração de S. Ex.^o o senhor Embaixador de Portugal em Madrid, e do sr. Luís Barreto da Cruz, a par da decidida boa vontade posta pela Real Federação Espanhola na solução do problema.

O significado moral do jogo do Porto ascende, assim, a limites excepcionais, podendo, sem exagero, ser arvorado em simbolo da fraternal estíma e simpatia que une as duas importantes agremiações das nações ibéricas.

O COMBATE CARNERA-PAOLINO

O combate que pôs frente a frente, no Estádio Municipal de Barcelona, o gigante italiano Primo Carnera e o basco espanhol Paolino Uzcudun atingiu atingiu foros de pri-



A DIREITA —
E. M. Prain, campeão do golf na Cambridge University

A ESQUERDA —
Carnera, o super-gigante do ring, falando com Chevalier, o super-idolo do music-hall



meiro plano entre as organizações tentadas na Europa.

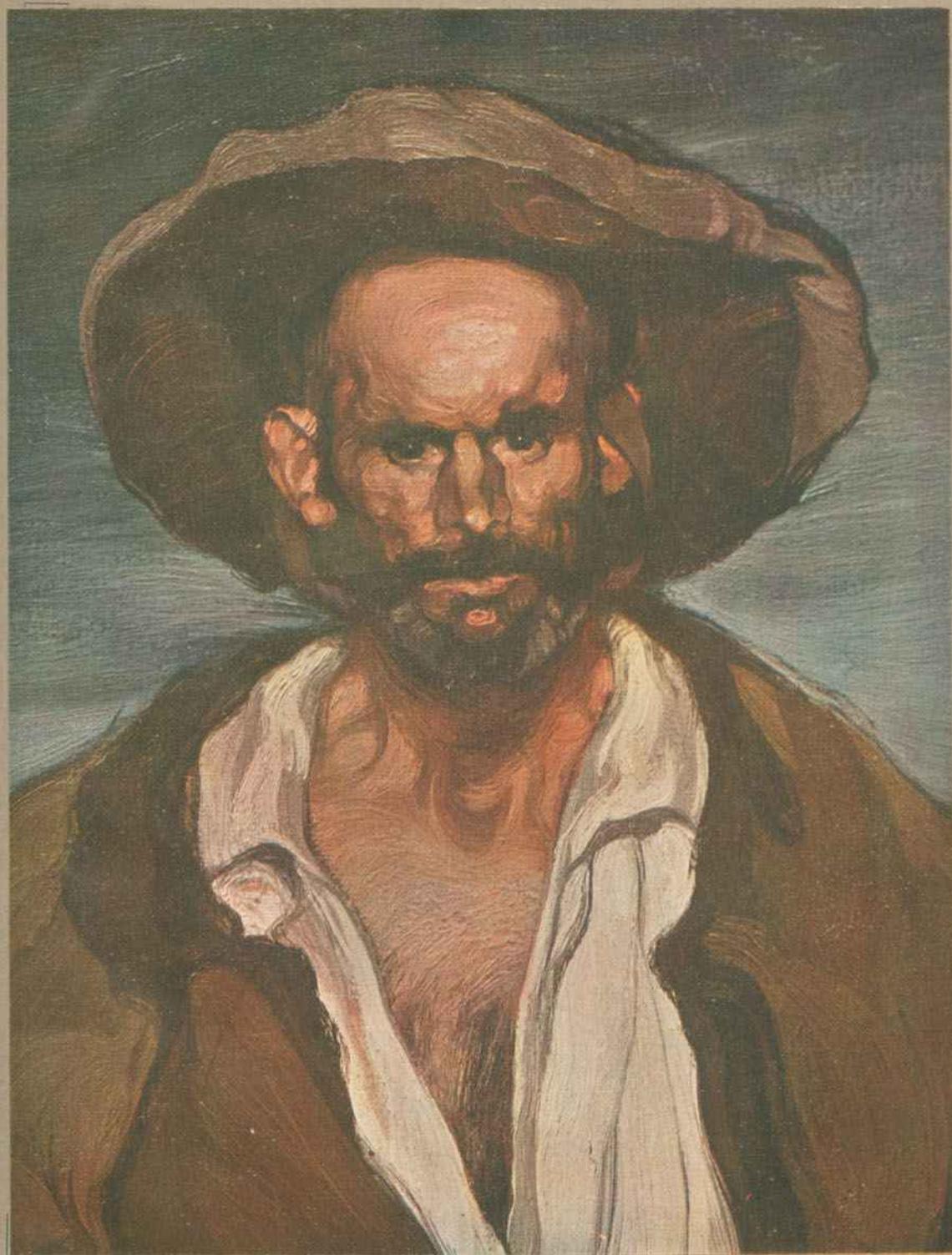
O empresário Jeff Dickson, que tinha, audaciosamente, organizado o encontro, passou, durante as semanas que o precederam, alguns maus bocados.

As coisas começaram a caminhar mal com uma súbita recusa de Paolino a combater, pretendendo partir para a América; arrumado o precalço, estala a greve em Barcelona e o governador geral proíbe o espectáculo. Os acontecimentos políticos encarregaram-se, finalmente, de dar solução ao problema, originando a demissão daquela individualidade e a sua substituição por pessoa mais apreciadora da nobre arte, que concedeu a desejada permissão.

Mas não acabaram aqui as atribulações! O combate devia realizar-se com luvas de 7 onças, e na véspera à tarde a Federação Espanhola proíbe o seu uso, decretando que sejam utilizadas as de 8 ½ onças. Ora as mãos de Carnera são de dimensões tais que não há luvas feitas que lhe sirvam! Em menos de 24 horas fabricam-lhe umas à medida, mas ainda assim insuficientes, pois o polegar não cabia no espaço respectivo, e o italiano não conseguia fechar as mãos.

Assistiram 80.000 pessoas, e a receita foi de dois mil contos, a maior até hoje registada na Europa.

Comparada, porém, com as registadas na América, ela é de uma mesquinha insignificância; em Chicago, a quando do segundo combate Tunney-Dempsey, a bilheteira recolheu 2.660.000 dólares, ou seja aproximadamente 55.000 contos! — SALAZAR CARREIRA.



INÁCIO ZULOAGA

SEGOVIANO

MUSEU DE ARTE MODERNA
DE MADRID

Memórias dos grandes revolucionários



Como Leon Trotzki, o formidável organizador do Exército Vermelho e que é ao mesmo tempo um insigne escritor, nos conta a sua passagem pelo CARCERE MODELO, de Madrid...

Trotzki esteve muitos anos desterrado do seu país por motivos políticos, percorrendo quasi as cinco partes do mundo sob a cruz do seu calvário de perseguido. Acusado de francófilo, foi expulso da Alemanha em 1916, internando-se então nas terras acolhedoras da liberal França, de onde também havia de ser expulso por suspeitas de... germanofilia. E então quando chega a Espanha, em Novembro d'esse mesmo ano, sob os cuidados da policia internacional que não o perdía de vista um momento. Do que foram as suas andanças pelo país vizinho, dá-nos Trotzki um pitoresco depoimento num delicioso livro de memórias, ainda desconhecido em Portugal, do qual destacamos o sugestivo capítulo que hoje brindamos aos nossos leitores.

Ilustração, revista apolítica por excelência, não pode, contudo, e sob pena de não cumprir o objectivo cultural que se propôs na sua missão largamente informativa, cercar as suas páginas aos documentos literários da Rússia revolucionária, dessa grande convulsão social que fez o espanto de todo o mundo e para a qual o mundo só soube encontrar uma designação; — o fenómeno russo, cujos antecedentes e conseqüências pertencem ao âmbito de História e da Sociologia, mas que nós temos, pelo menos, a obrigação de registar.

1916 — 10 de Novembro.

Ontem, quinta-feira, 9 de Novembro, a criada da modesta casa de hóspedes em que Després me deixou instalado, chamou-me à sala de jantar por meio de sinais misteriosos. Esperavam-me ali dois indivíduos, semelhantes no seu aspecto exterior, a outros que abundam em todos os países (tipo interna-

cional), que se me dirigiram em espanhol, sem mostras de grande amabilidade. Vi logo que me encontrava na presença de dois policiaes, e o facto de que elles fossem dois e



não um (o terceiro, como depois se viu, esperava-me na rua) demonstrava bem que não se tratava dumas simples perguntas relativas aos meus documentos. Devo dizer que, duas ou três vezes me pareceu observar que me seguiam os passos; mas, cansado destas andanças em Paris, não liguei ao caso a menor atenção, tanto mais que não tinha muitos caminhos para escolher. Convidei os meus interlocutores a entrar no meu quarto, onde um d'elles me mostrou o seu car-

tão de identidade de agente da policia. Era um tipo de estatura elevada, cego dum olho e de aspecto extremamente repulsivo.

— *Parlez vous français?* — perguntou-me de repente, como se tivesse encontrado forma de safr da situação embaraçosa em que se encontrava, depois de várias tentativas inúteis para se fazer compreender em espanhol.

— *Oui, je parle français* — respondi com alvoroço, como se me tivessem tirado um péso de cima das costas.

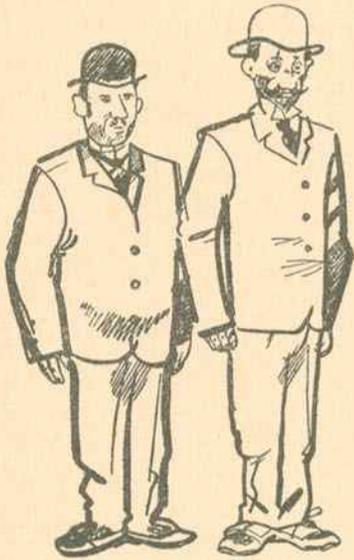
Mas o pior é que elle não percebia patavina de francês. Este diálogo repetiu-se comigo em Espanha várias vezes. — *Parlez vous français?* — pergunta-nos o nosso interlocutor, depois de vários esforços para se fazer entender na lingua de Cervantes. — E succede depois que, além desta frase, não conhece uma só palavra mais de francês. Mas esta frase é para os espanhóis como uma saída, ou, melhor, como um desabafo.

Vi-me obrigado a acompanhá-los. Na *Dirección de Seguridad* appareceu na escada um cavalheiro de aspecto semi-policiaes, perguntou-me o nome e apelido, e, como comentário, disse — *Très bien, très bien*, e moveu a cabeça com ar de reprovação. Depois, ordenou aos dois agentes que me levassem.

— Isto quiere dizer que estou preso, não é verdade? — perguntei.

— Sim, por uma hora ou duas — respondeu-me — precisamos de certas informações que lhe dizem respeito...

Conduziram-me para um gabinete, onde me sentei num divan de couro, na attitude duma pessoa que tem de esperar um quarto de hora, sem despir o sobretudo, com a bengala na mão e o chapéu sobre os joelhos. Assim estive, quasi sem mudar de posição, até às nove da noite, isto é, cerca de sete horas seguidas. Isto era mortificante. Não



havia um só empregado na polícia que percebesse palavra de línguas estrangeiras, assim como eu não percebia nada de espanhol. Tudo isto fatigava extraordinariamente. Em compensação, tive o ensejo de observar a Polícia espanhola em acção, ou, para ser mais exacto, em inacção. De vez em quando, um funcionário substitua outro, mas ninguém fazia nada. Um deles sentou-se diante duma máquina de escrever, dedilhou um minuto, reflectiu depois e abandonou a máquina. Os outros, nem sequer tentaram. Conversavam, mostravam fotografias uns aos outros; e até havia alguns que se dedicavam, numa dependência próxima, à luta greco-romana. Durante todo este tempo desfilaram pelo gabinete dezoito ou vinte pessoas, umas conduzidas por polícias, outras sós, pedindo informações ou apresentando queixas. Na sua maioria, gente necessitada, de lamentável aspecto.

Não se pode dizer que os polícias estivessem grosseiros com eles. Pelo contrário, davam mostras de certa brandura meridional e calma. Ignoro se seria sempre assim ou se sentiam-se coibidos com a presença dum estrangeiro; eu creio que os espanhóis, em geral, não são inclinados à ferocidade; quer dizer, que não se forçam, profissionalmente, por ser ferozes.

As nove da noite levaram-me para o andar de cima. Preguntaram-me quem era e de onde vinha, esperando, sem dúvida, respostas evasivas e preparando-se para me convencerem a ser mais razoável... Servia de intermediário um tradutor, que falava muito mal francês e ainda pior alemão, mas que se prontificou a declarar, logo que soube que eu não falava inglês, que este idioma lhe era tão familiar como o espanhol.

Expliquei que fôra expulso de França, onde defendia idéas pacifistas. (Peço aos meus correligionários que me perdoem o abuso desta terminologia, usada por mim para simplificar o meu colóquio com a polícia espanhola).

—O senhor não esteve em Zimmerwald?

—Estive, sim, e vários jornais o noticiaram.

—Que propostas apresentou na conferência? (Tratava-se, sem dúvida, do projecto do manifesto).

—Respondi que interviiera nos debates em harmonia, naturalmente, com as minhas opiniões pacifistas.

—E porque não regressou à Rússia?

—Expliquei porquê.

—O senhor é russo?

Quis mostrar a carta de nacionalidade passada pelo consul russo em Genebra, nos começos da guerra. Mas não deram a menor atenção a este documento, limitando-se a dizer: «É um documento de 1914». Pelo visto, fingiam desconhecer as informações que possuía. Eu estava perfeitamente convencido de que eles tinham recebido dados pormenorizados sobre a minha pessoa, tanto da Polícia de Paris como dos agentes russos.

Como resultado desta troca de impressões, o chefe, miudinho e calvo, com a fisionomia açucarada, comunicou-me, por intermédio do tradutor, que o governo espanhol não me podia consentir no seu território, que devia sair imediatamente da Espanha, e que, entretanto, a minha liberdade seria condicionada a «certas restrições».

—Pode-se saber porquê?

—As suas idéas são muito avançadas para a Espanha— respondeu-me cândidamente por meio do tradutor.

Depois disto, o chefe advertiu na minha presença ao agente zarolho (que também se achava presente e se inclinou respeitosa-mente) que devia tratar-me «como um cavalheiro», que eu era uma pessoa «lida», que só se tratava das minhas «idéas», recomendando-lhe que a mesma advertência fôsse transmitida a certo inspector.

Ao mesmo tempo, o polícia tradutor começou a falar comigo com certo desembaraço e em tom confidencial:

—Compreenda que não podemos proceder doutra forma—dizia com voz languida—ninguém o sente mais do que nós. Não é já a primeira vez que o Rei tem sido vítima de atentados!... Nem o senhor calcula o dinheiro que nos custa a vigilância dos anarquistas. Além disso, são tantas as dificuldades que a Rússia cria aos espanhóis que para lá se dirigem que é um verdadeiro horror.

Por conseguinte, eu devia responder simultaneamente pelos anarquistas espanhóis e pela Polícia russa.

Durante o meu interrogatório, um sujeito policial, vestido com extraordinário luxo (todos vestiam à paisana), de colete de fantasia e chapéu de côco, perfumado, um charuto nos lábios, irrompeu no gabinete, muito satisfeito consigo mesmo e com o mundo que tinha a seus pés; cumprimentou-me em tom protector e exclamou inesperadamente:

—Comment vous portez vous?

Não sei bem se queria vangloriar-se dos seus conhecimentos de francês, se falava em tom de ironia ou pretendia mostrar-se amável. Por minha parte, e não sem mostrar certo assombro, respondi quasi automaticamente:

—Merci, et vous?

Depois, saíu.

Fui novamente conduzido ao andar de baixo. Ceci ali (trouxeram-me a comida dum restaurante próximo) e ali estive até à meia noite. Mesmo ali me entrevistei com Després, a quem tinha mandado chamar, e que resolveu encetar imediatamente algumas démarches.

A essa hora veio buscar-me um agente e meteu-me num carro, que entrou a andar. Pelo caminho compreendi para onde ia: para a cadeia.

O bujo que me acompanhava era o mesmo zarolho de sempre, que levava uma *piela* muito regular. Diante de mim, o chefe tinha-lhe dado cinco pesetas em recompensa não sei de quê; inclinou-se reconhecido, e daí a duas horas entrava à minha procura, em estado de completa beatitude. Como lhe tinham dado ordem de se mostrar amável comigo e de me tratar como um cavalheiro, no estado de absoluta embriaguês em que se achava, deu-me algumas palmadas amigas nas costas, começou a falar sem interrupção, em espanhol, claro está, soltando de vez em quando a expressão: *Parlez vous français, monsieur?* Dentro do carro desabafou sem reservas; confessou o seu amor pelos russos, ingleses, franceses e belgas.

—Quem sou eu?—dizia. Um soldado. Faça o que me ordenam. O senhor tem idéas—continuou, apontando-me com o dedo para a testa. E inesperadamente:

—Tem filhos?—Respondi, e êle proseguiu: Eu cá tenho cinco; não se pode passar com menos.

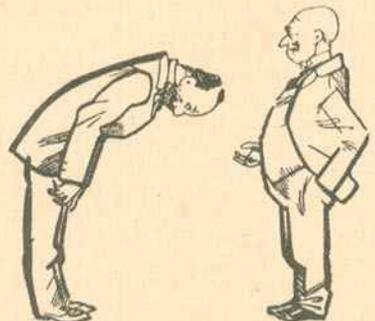
Explicava-se em espanhol; mas, a-pesar disso, eu compreendia-o bem, sobretudo quando me dizia por sinais que o mais pequeno ainda se alimentava do peito da mãe. Depois, acendeu um fósforo no interior do carro, chegou-o ao olho e deu-me a entender como uma bala norte-americana lho tinha levado: entrou por cima do olho direito, atravessou-lhe o nariz e saiu-lhe pelo esquerdo. Regressou à Pátria depois disto e, quando se restabeleceu, entrou na Polícia.

—O povo norte-americano é um povo mal-dito; os russos já são outra coisa...

E começou a falar novamente do seu amor pelos russos e aliados em geral. Quis obrigá-me a aceitar um cigarro, metendo-mo quasi pela bôca dentro; também quis que tomasse cerveja; parou diante dum *bar*; pediu cerveja e, a-pesar de lhe ter sido recomendado que me levasse de noite para não dar nas vistas, lêz as coisas de tal modo que conseguiu que uma multidão considerável se agrupasse à volta do carro. Em toda esta scena havia algo extremamente russo, sobretudo se se considera que êsse mesmo polícia, tão sentimental, foi comigo extremamente grosseiro, antes de lhe terem dado ordem para ser amável, e que, na pensão, quando fui preso, até me deu um empurrão, dizendo:

—Vamos, depressa!

Sentiu muito que me negasse a tomar cerveja; propôs-me um café, fazendo-me ver que o pagaria êle; em geral, era importuno





e lamentável, insuportável quasi. Acabou por decidir-se a tomar cerveja com o coqueiro; bebeu mais uma vez e seguimos o nosso caminho.

O cárcere, velho amigo, em geral apresenta sempre o mesmo aspecto em toda a parte.

Um soldado de baioneta armada e as pernas cruzadas lê um jornal à luz dum lampião.

Abrem-nos a porta e entramos. Os muros, os corredores, o fedor carcerário; havia cerca de dez anos que não os via nem sentia por dentro. O ajudante do director, com o colarinho desabotoado, já nos esperava. O bufo explicou-lhe que eu era um «cavalheiro»; mas o ajudante já sabia que me devia tratar com consideração.

Registraram-me no centro da «estréla» do presídio, no ponto de intersecção de cinco galerias, cada uma delas de quatro andares. Escadas de ferro, suspensas. Silêncio especial, carcerário, nocturno, impregnado de espessas emanações e de pesadezes. Lâmpadas eléctricas exigias nos corredores. Tudo já do meu conhecimento; em toda a parte, o cenário é sempre o mesmo. Da rotunda central avistei a galeria. Pela janela do quiosque de inspecção deitou a cabeça o ajudante ou o official, não posso precisar bem, indicando-me amavelmente por meio de sinais que tirasse o chapéu.

— Isto não é uma igreja — respondi num espanhol mais ou menos correcto.

O polícia que me acompanhava dirigiu-se imediatamente a elle, e começou a valer-se de toda a sua eloquência para o persuadir de que não me incomodasse mais.

Não insisti.

Registraram-me os embrulhos que levava comigo — por delicadeza não me meteram as mãos nos bolsos — tiraram-me um canivete, umas tesouras e o dinheiro. Em alguns dos nossos presídios também tiram os suspensórios; ali, deixaram-mos. O zarolho não cessava de sorrir, dando-me palmadinhas amigas nas costas; ao retirar-se, estendeu-me a mão.

Segui o carcereiro por corredores e escadas. Estrépito duma porta forrada de ferro que se abre. Entrei. Dependência espaçosa;

quasi às escuras; um tapete no chão; mau cheiro carcerário; cama lamentável, que inspirava pouca confiança... O carcereiro indicou-me onde se achavam as coisas necessárias (esqueceram-se de lâmpada eléctrica), deu-me dois fósforos e retirou-se, fechando a porta com o mesmo ruído. Fiquei só. Era quasi uma hora da madrugada. Sentia-me cansado após uma jornada tão pródiga em acontecimentos. No entanto, antes de me deitar, decidi tomar certas medidas de precaução (no presídio de Nicolav ou no de Jersons, dezóito anos antes, não era tão cauteloso); abotoei todos os botões e cobri-me com o sobretudo. Abri a janela. Entrou um jacto de ar frio. Só então pude compreender com claridade toda a incoerência do que me succedia. Que causas me trouxeram à cadeia de Madrid? Isto era para mim completamente inesperado. Tinha sido expulso de França, verdade seja; mas estava em Madrid como quem está numa estação à espera do comboio; correspondia-me com Grimm e Serrati a propósito da minha viagem à Suíça por Itália; visitava o Museu; contemplava os Goyas e os Grecos; achava-me a mil veristas da policia espanhola e da justiça. Se se considera que vinha à Espanha pela primeira vez, que estava em Madrid, quando muito, há uma semana, que não conheço a lingua espanhola, que, exceptuando Després, não falei com mais ninguém, que não assisti a nenhuma assembleia ou reunião, compreender-se-há como a minha prisão era absurda.

Deitado na cama do *Cárcere Modelo* de Madrid, ria-me. E ri-me até que fiquei dormindo. Dormi profundamente. De manhã. Na cela há duas janelas com cortinas. Na cama, um lençol bastante suspeito, mas enfim, um lençol. Dois armários ao canto com portas de vidro. Num dos ângulos, qualquer coisa que queria parecer-se com um biombo. Uma cadeira de braços. Uma mesa. Um lavatório com água corrente. Na parede, sobre a mesa, um crucifixo. No chão, um tapete. Tudo sujo e cheio de vestígios de esgarros; mas, ainda assim, a porcaria podia ser maior, e as cortinas, o tapete, os armários, as toalhas e o lavatório não são coisas habituais no recheio carcerário. Mais tarde, à hora do passeio, explicaram-me que no cárcere havia celas especiais e celas gratuitas; tal e qual como vo-lo digo. As celas especiais, por seu turno, dividem-se em duas categorias; de primeira, que custa 1,50 pesetas por dia; e de segunda, cujo preço é de 0,75 pesetas. Todos os presos têm direito a instalar-se numa cela especial; o que não têm é direito a renunciar à vivenda gratuita. A minha cela era especial, de primeira classe. As janelas, pelo visto, destinavam-se a dissimular as grades, dando quanto possível ao apositado o aspecto dum quarto particular.

Nunca em parte alguma ouvi dizer que existissem cárceres com celas de três categorias, e duas especiais; mas, afinal de contas, devemos reconhecer que os burgueses espanhóis procedem com consequência.

Porque há de existir igualdade nos presídios duma sociedade que assenta as suas bases precisamente na desigualdade, e que se divide em três classes: a poderosa a desherdada e a média?

Durante o passeio soube também que os hóspedes das celas especiais gosam de outro

privilégio muito importante: passeiam duas vezes por dia, duas horas no total, enquanto que os outros só passeiam uma vez. Também isto está certo. Os pulmões dos presos que pagam uma peseta e cinquenta por dia têm direito a maior porção de ar puro que os pulmões dos que respiram grátis.

Todos os meus companheiros de presídio eram personagens interessantes. Um alemão muito magro e tímido, um cache-col e sapatos de pano. Falava correctamente quatro idiomas. Abandonou o estudo do russo, porque é muito difficil.

— Isto representa uma facilidade para vocês — disse-me — porque podem aprender com facilidade todas as outras linguas.

Sitia-me logo que me vê e obriga-me a travar conhecimento com os restantes. Há também um cubano ou hispano-americano, cara rapada, todo de preto, cabelo brilhante, cuidadosamente penteado. Não oferece interesse de maior. Matou ou feriu uma mulher.

Este, vestido de azul, a calça impecavelmente vinculada, sapatos de côr e boina, é um ladrão conhecido, eminente. Até nos jornais lhe chamam o rei dos ladrões...

— Talvez exagerem — diz o alemão, não occultando uma pontinha de inveja.

O terceiro, desgrenhado, gordo, moreno,



com fato de veludillo, entrou hoje. Não se sabe quem é. O cubano baptizou-o logo com o nome de Sancho Pança, evidentemente pelo seu aspecto.

O rei dos ladrões saiu-me um interlocutor muito amável, se bem que reservado.

— Maldita guerra! Vem de Paris? Que tal agora a policia de Paris? Viena, magnífica cidade! O Ring, Kernerstrasse. Nunca esteve em Londres? Também tem as suas belezas!...

Tudo isto dito de afogadilho.

— Pelo que vejo, conhece bem a Europa.

— Regularmente; e as duas Américas também.

— E na Rússia, nunca esteve?

— Estive, sim. Durante a Guerra. Primeiramente em Lodz, e quando lá chegaram os alemães fui para Varsóvia. Havia ali um bom negócio a tratar de oitenta mil francos...

Deteve-se neste ponto e não prosseguiu.

Pela minha parte, não quis ferir a sua modestia profissional. Calamo-nos.

— A policia russa nunca o incomodou? —
preguntei com cautela.

— Oh, não! A maior dificuldade no vosso país é que pedem o passaporte com muita frequência.

Da Rússia, não sei como passou para a Hungria, da Hungria à Itália, daqui para a Espanha. A policia prendeu-o em Madrid «sem mais nem menos». Foi, de-certo, porque os jornais falaram muito d'ele quando do seu regresso; fizeram-lhe uma propaganda absurda, e eis o resultado. Maldita guerra! Todos os países arruinados!

— Qual é a sua opinião sobre o Canadá? —

pregunta-me inesperadamente. Tenciono dar lá uma saltada...

— Sobre o Canadá? — respondo sem decisão. Há lá muitos *farmers* e uma burguesia recém-nascida, que deve sentir pela propriedade o mesmo culto que, por exemplo, a da Suíça.

— Hum! É possível, sim — disse irritado. É mesmo muito possível.

A tardinha, apareceu na cadeia o agente zarolho e participou-me, como se se tratasse dum facto completamente inédito, que o Governo decretara a minha expulsão de Espanha, convidando-me a escolher um país. Como se ontem não se tivesse falado nisso!... Agora, quem o envia é o Governador de Madrid. Respondo:

— Enquanto os senhores me retenham na cadeia, não estou disposto a tomar medida alguma para ir para outro país. Se o seu Governo quere que eu saia de Espanha, que me dê um prazo e a liberdade.

Prometeu-me dar a resposta amanhã ou depois.

Serviu de tradutor entre mim e o policia (com o qual se encontrava o director do cárcere) o alemão magro e tímido. Como tinha muito medo, traduzia as minhas palavras, atenuando-as.

LÉON TROTZKY.

REACÇÃO... E ACÇÃO...

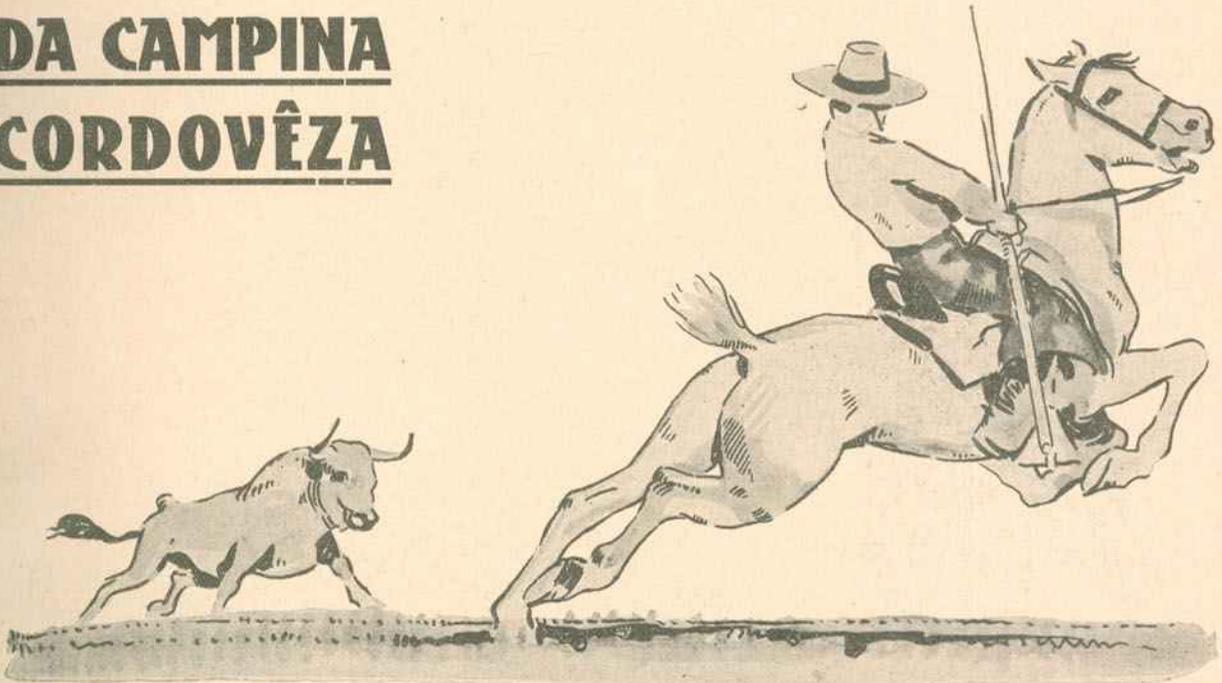
Descansem!... Não se trata de um partido político ou social, não se trata de um lema ou um estandarte. Após um inédito de Trozky, não estaria, certamente, muito descabida uma proclamação... Mas nada disso! De resto, a foto abaixo bem o proclama!... Nada de politica... que não seja feminista...

E pôsto isto, passemos a explicar esta alegria campesina com infinita alegria e pouquíssima roupa... Uma grande casa de modas de Paris, den alguns dias de férias de Natal às suas lindas costureiras. O frio era enorme mas, para estar dentro de casa, basta o resto do ano... Porisso, as simpáticas rapa-

rugas deliberaram tomar a ofensiva e... despir-se, praticando um «naturismo» útil, pôsto que empregaram a sua *acção* no concerto das estradas dos arredores conseguindo assim uma saudável *reacção*!... Com vista à Junta Autónoma de Estradas e às modistas portuguesas...



DA CAMPINA CORDOVÊZA



A VIDA DOS TOUROS

O toiro ainda espera o Fabre que lhe há-de estudar a vida e raras qualidades.

De *Sangre y Arena* até *La mujer, el torero y el toro*, ainda não apareceu quem escrevesse do toiro antes da corrida, antes da sua aparição pública, estudando-o na sua vida íntima, entrevistando-o no camarim, ou melhor, em sua casa — no cerrado ou mesmo nas suas relações com o homem antes de chegar à praça, nos folguedos do campo.

Blasco Ibañez foi à Andaluzia espreitar o toiro no campo, e pouco pôde escrever, apesar da sua rica paleta valenciana. Alberto Insua passou pela Andaluzia, ouviu o que lhe disseram do toiro, e pouco pôde contar, o que o não o diminui como novelista.

Se eu dispuzesse das expressões coloridas do morto a quem tudo se deve perdoar, ou da facilidade de escritor de tanto público como Insua, abalanchava-se a escrever do toiro.

Assim, para tal cometimento, tenho apenas uma recomendação, esta com vantagens sobre os dois citados escritores — vivi longos meses de três anos numa casa de campo andaluz, o *cortijo* mais toureiro da Serra de Córdova, entre as *fincas* de *Machaco* e de *Guerra*, rodeado dos toiros de duas ganadarias que chegavam à porta da nossa *cosinha*, que era casa de comer e de estar e, no inverno, de aquecer, em tórno da grande chaminé.

Da janela do meu quarto contemplei durante muitas horas seguidas os movimentos dos toiros que, durante a noite, me interrompiam o sono com suas queixas do tempo ou lamúrias nostálgicas da vaca apartada para outros cerrados.

Os toiros eram os nossos companheiros, porque o convívio da cidade estava longe: os nossos guardas, porque os impertunos ou malfeitores não podiam chegar à nossa porta sem passarem por eles; os nossos... cuidados, porque não podíamos dar um passo fóra de casa sem nos informarmos, prudentemente, se algum toiro ferido ou vaca ciosa dos filhos, andava pelas visinhanças. E apenas estes nos davam cuidados, porque o toiro bravo, quando o não incomodem, é um animal inofensivo, ingénuo, gracioso e amigo do homem, do homem que é seu amigo, o *ganadero*, o *vaquero*.

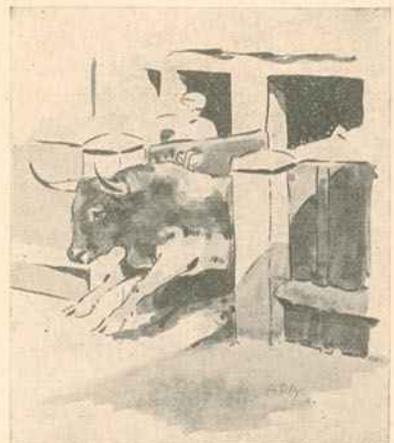
Realmente, o único crime que o homem comete com o toiro consiste em exasperar-lhe os instintos ferozes durante curtos momentos, no acto de lhe dar combate para gosto e deleite dos públicos. De resto, selecciona-lhe as mães e os pais, estudando as cruzas de sangue para que o toiro seja bem constituido ao nascer. Cuida-lhe a mãe e as herbas da primavera para que o leite e o primeiro alimento sólido lhe permitam o desenvolvimento. E não se regateiam despesas

para que os melhores pastos e os mais caros pensos lhe não faltem.

E se o mata na praça, após curtos momentos de luta em que a acometividade supera a dor, é já na idade em que se avizinha a velhice do que não chega a sofrer achagues, quando, aos cinco anos, lhe iam começar a amarelecer os dentes e a roer as hastes, no limite da sua curta vida.

O único crime do homem para com o toiro, já o escreveu Montherland em *Les Bestiaires*, consiste em exasperar-lhe os instintos durante os curtos momentos da lide.

O espectáculo do toiro no campo e dos trabalhos e diversões que ao homem proporciona, não se compra com dinheiro. Só os ceitos o podem disfrutar e, por isso mesmo,





tem mais valor e está menos divulgado que o das corridas públicas.

Chego a temer pela industrialização, já esboçada nalgumas festas sevilhanas, do espectáculo surpreendente do *acoso y derriba*, o mais belo que se pratica com bezerras quasi sempre, ou com machos na *tenta* que só assim deve ser feita.

Dois cavaleiros com suas varas, uma *collera*, entram de apartar a bezerra, separando-a das outras e correndo-a em sentido oposto àquele em que se encontram. Na volta, já a favor da crença, apressam a corrida, apertando a fugitiva entre os dois cavalos e, ao tempo a que um dêles a ampara, o outro mete a vara aos quartos trazeiros, de tal sorte que a bezerra, desequilibrando-se, caia por terra.

Deixa-se que a bezerra se refaça do susto e da corrida e, ajuizando da sua bravura pela reacção operada e pela intervenção do picador, repete-se a diversão ou vai-se por outra se a primeira não é de feição.

Não há sorte em que mais brilhe a destreza do homem, o valor do cavalo e a bravura da bezerra. E é de vê-la a esta, começando por se aconchegar às outras, adivinhando que a não vão separar para a levar a bom pasto ou a fresco bebedouro. Aceitando o convite de má vontade e iniciando a corrida, desconfiando dos acompanhadores. E, já cançada e quando espera poder-se refinar com as companheiras, a surpresa de se ver empurrada, caindo pela perda do equilíbrio. Que de coisas lhe passam pelos olhos espantados até que se dispõe a levantar-se para vingar a afronta. Com que alegria retoma, por fim, o seu perdido lugar no grupo, roçando-se com satisfação, sentindo-se acompanhada.

São tão graciosas as bezerras, sobretudo quando pequenas, arripiado o pelo novo, incipientes as hastas, como duas bananas! E os focinhos, ladinos, imperfeitos ainda, *meninos!*

Quando entre no cerrado o carro que lhes leva o que a terra, por vezes, não pode dar, é de ver a alegria com que o seguem, fi-

cando-se no recreio do que o carreiro vai espalhando para seu alimento.

E a surpresa com que aprendem a ir ao bebedouro, temerosas do espelho das águas, afastando-se para se tornar a aproximar, e terminando por se habituar ao deleite de sorver o líquido cristalino.

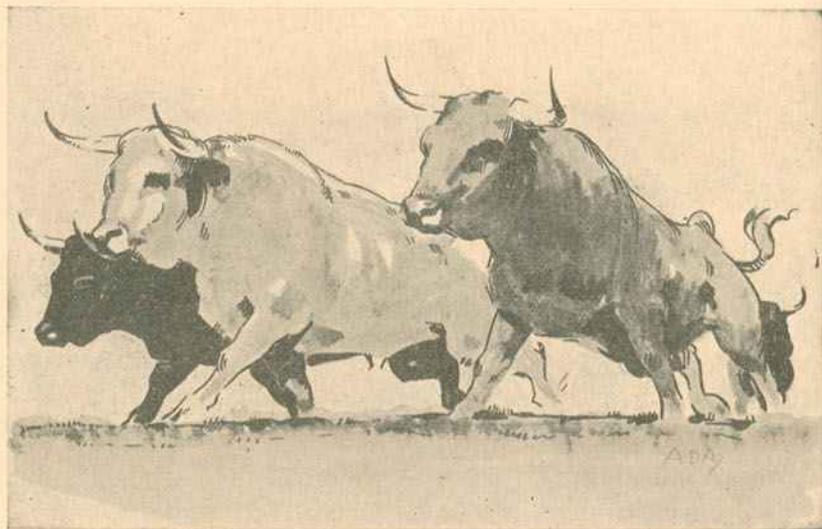
Qualquer criança as assusta, com tal de lhes acenar com os braços ou bater as palmas, e aos próprios toiros vi bastar um rapaz para os passar dum cerrado a outro, com a simples ajuda dos *mansos*.

Toiros vi em fugirem ante a aparição divertida dum amigo que se ia banhar ao seu

bebedouro, nu e agitando um lençol que lançava o pânico nas crianças crescidas que, quando excitados na praça, são os ferozes adversários do homem.

E a ingenuidade com que se deixam conduzir ao *encerradero*, entrando na *manga*, e prestando-se, dóceis, à tarefa de os meter, um a um, nas jaulas que hão-de rodar até ao vagão do caminho de ferro e, depois, até à praça onde se convertem em feras, feras que no campo foram acessíveis, tão acessíveis que fácil seria estudar-lhes a vida, ingenuidades e graças, qualidades e vícios, que também os têm...

ROGÉRIO PEREZ



DESENHOS DE DUARTE DE ALMEIDA

UM GRANDE CARICATURISTA TOM

Encerrou-se, há dias, a exposição de Tom, o excelente artista que tanta e tão bela colaboração tem dado às nossas páginas e cujo talento tem triunfado, a golpes de valor, da indiferença atônica do meio. Saúddado, na sua aparição, por uma ofensiva geral do mau gosto contra a sua arte requintada, nova, arejada, livre e independente, tem sido

à força que Tom se tem imposto. E hoje, saúddado fóra do país, como um dos nossos mais originais caricaturistas e como um decorador insigne, o moço artista caminha, rapidamente, para um triunfo definitivo que será a sua ampla destorça sobre o ético meio ambiente.

A. C.



GOSTO DA

ROMENIA!...

Os povos latinos simpatizam com a Roménia porque este país balcânico, que já foi tributário da Sublime Porta e, depois, vagamente aliado de Pedro, o Grande, férreo czar de todas as Rússias, se obstina em afirmar, pela pena dos seus historiadores, que os seus habitantes descendem, pela língua e pela alma, dos antigos romanos.

Não tem fundamentos massivos a categórica afirmativa, porque os sábios europeus especializados nos estudos etnográficos se limitam a informar os leigos como eu de que os romenos descendem, provavelmente, dos colonos que Trajano enviou à Dácia para submeter a população ao jugo romano. Mas é lisongeiro, na verdade, para os latinos autênticos, que a Roménia seja, nessa torre de Babel que é a península balcânica, o único povo que tem apêgo à nossa raça e que se inclina estensivamente para a nossa civilização.

Eu gosto da Roménia e dos romenos por motivos muito mais simples e puramente (hesito no adjectivo...) sentimentais. A Roménia é um país de lavradores e criadores de gado, tal qual a minha terra distante e bem amada. Como Portugal, é um país mixto sob o ponto de vista geológico: zona de montanhas da banda dos Alpes, longas planícies nas margens do caudaloso Danúbio e dos seus afluentes. Nas suas aldeias pitorescas, que galgam os montes aos zigue-zagues como os cabreiros das nossas serras, há socalecos equilibrados nas encostas e do terreno pedregoso emergem cepas torcidas, nervosas, de onde pendem cachos de ouro, perfumados, como no nosso Douro.

As camponesas da Roménia são alegres e cantadeiras como as raparigas das nossas aldeias. O *folklore* é rico, vivo e característico. As ceifas e as vindimas continuam a ser, a-pesar dos sermões cominatórios dos presbiteros, verdadeiras festas pagãs, em que, por entre estrofes ardentes entoadas em louvor do Sol, da Vida, de Baco e de Cupido, estalam beijos líbricos e os corpos se atraem tocados pelo iman do amor. Os trajos são garridos e alceres, salpicados de bordados ingénuos, com as blusas justas às cintas e as saias largas, próprias para o rodopio dos bailes.



A rainha Maria da Roménia, mãe do Príncipe Carol



O pequeno rei Miguel, que cedeu o trono a seu pai o rei Carol II, e sua mãe a Princesa Helena



O príncipe Carol, actual rei da Roménia

Todas estas particularidades fazem lembrar os costumes, as tradições, o colorido, a vida agrária impregnada de primitivismo dos nossos povoados. E é certamente por isso que eu tenho uma certa afeição pela Roménia e sigo as oscilações da sua política e me interesso pela sua arte popular e abro com impaciência os livros que me falam dela...

Mas, para mais, a Roménia é um país onde reis e príncipes, em vez de viverem, envolvidos em mantos de arminho, a esmoer pelos corredores claustrais dos seus palácios a sua hipocondria de eremitas, insípidos autómatos mecanizados pelo protocolo e constringidos a papaguear as sabanitas dos cortejos, preferem aproximar-se da humanidade falível e pecadora, propensa às originalidades e aos desvarios, mas independente de espírito na sua maioria e, por conseguinte, com centelhas de carácter e de heroísmo que já não podem ressaltar hoje da realeza.

Quem, entre as pessoas dadas aos prazeres da intelectualidade, não conhece o labor literário, realizado com o esmero e a elegância subtil com que as rendeciras de Bruges volatizam as suas filigranas, da mulher hiper-espiritual e hiper-sensível que é a rainha Maria? Quem, entre os criadores de beleza, nas artes e na literatura, ignora o desvelo com que essa mulher excepcional, imitando os Mecenas da antiguidade, anima, protege e coiraja contra a indiferença desalentadora da multidão os artistas e os escritores da sua terra que lutam pela conquista da celebridade?

Não há escritor, nem artista, nem jornalista, residente na Roménia ou de passagem por Bucareste, que a rainha Maria não acolha, como se acolhe um camarada, logo que uma audiência lhe é solicitada. E os homens mais rebeldes e mais mordazes, aqueles que ironizam as suas próprias acções e se revoltam contra os seus próprios impulsos, saem invariavelmente do palácio rial encantados e subjugados pela afabilidade e pela espiritualidade dessa mulher singular, que se esquece da sua alta estirpe e dos seus privilégios sempre que pode dialogar com alguém possuindo uma personalidade intelectual.

A par destas qualidades, ela tem ainda uma outra, que é notável numa mulher e que



O rei Carol aclamado após o seu regresso. A sede do jornal liberal *Vătorul* assaltada pelo povo

hoje é mesmo rara entre os homens que o destino ou o talento alcançaram nas altas posições sociais — a firmeza de opiniões. Cercada pela animosidade de cortejões habituados a guiar ao sabor dos seus interesses as idéas e os actos das pessoas reais, ela não só desfaz tôdas as emaranhadas intrigas que êles tecem mas — o que é mais corajoso — bate-os às claras, em golpes fulminantes, como os esgrimistas de pulso quando toparam na sua frente um adversário pretencioso e desleal.

Êsêes traços nítidos do seu carácter são hereditários. Quer o príncipe Carol, que cingiu de novo, há pouco tempo, a corôa da Roménia, quer o príncipe Nicolau, que foi um dos principais obreiros do regresso triunfal de seu irmão, são, entre os membros das famílias reinantes da Europa, cada vez mais frouxas de acção por temor da democracia, duas personalidades bem definidas. Provam-no os factos que são do conhecimento público e saliento eu, a-pesar do meu plebeísmo e das minhas preferências notórias pela soberania popular, porque tenho uma simpatia irreprimível pelos homens decididos, que se distinguem, mesmo nos seus desvarios, da multidão de estadistas, vasados todos nos mesmos moldes, que pretendem rejuvenescer o mundo com as suas somolências...

Êsse príncipe Carol, sobretudo, com os seus arrebatamentos de amor, com a sua paixão fogosa pela aviação, com a intrepidez das suas incoerências, com o seu desdém pelas políticas rotineiras, com o seu carinho desartificial pelo povo do seu país, com tôdas as suas qualidades — a bravura, a sinceridade, o espírito desempoeirado — e com todos os seus defeitos — a impulsividade, a

inconstância nas ligações sentimentais, a luta constante entre a sua natureza independente e a moral comum aos da sua estirpe — êsse príncipe Carol que sorria no exílio, quando privado da sua hierarquia, como sorri agora que é o ídolo da Roménia, é, positivamente, muito mais interessante que alguns dos paladinos beatíficos da democracia.

Até agora, na sua vida movimentada e curiosa, que é, na sua mór parte, a consagração da varonilidade e dos instintos humanos, houve apenas, um desvíio lamentável: o seu regresso ao trono. Mas ou eu me engano como os piores profetas, ou, segundo os meus cálculos que não têm nada de cabalístico, que derivam simplesmente da análise psicológica, êle não vai permanecer muito tempo em Bucareste com as algemas da rialza a arroxear-lhe a epiderme sensível — a epiderme de um homem de sangue azul que ama instintivamente a liberdade como os mais genuínos plebeus!

De resto, se o príncipe Carol se decidiu, após solicitações repetidas dos seus numerosos admiradores romenos, a retomar o trono do seu país, foi unicamente para fazer cessar as complicações políticas criadas pelo conselho de regência e — quem sabe? — para impedir convulsões populares, provocadas pelos partidos avançados, de que resultariam, possivelmente, a extinção da dinastia, a ruína da sua família e o fim da Roménia como nação independente.

Que a solução da crise romena de há me-



O príncipe Carol dirigindo-se para o Parlamento a prestar o juramento de fidelidade à Constituição

ses não podia ser outra senão o sacrificio do príncipe Carol, deixa-o bem perceber a *carta aberta* — que é, diga-se entre parêntesis, um emocionante e delicado documento — dirigida ao pequenino e efêmero rei Miguel, por Jules Veran, official da corôa da Roménia. Ei-la integralmente traduzida:

AO MENINO-REI QUE GUARDOU O TRONO PARA O SEU PAPA

«Senhor!

Que Sua Magestade o rei Carol II me permita chamar-vos assim uma derradeira vez.

Nas narrativas impressionantes dos acontecimentos que acabam de desenrolar-se na Roménia muito pouco se falou de vós. Mas eu, eu é em vós que penso.

É que não posso esquecer, Senhor, o dia em que me foi concedida a honra de me poder inclinar diante dos vossos cabelos loiros e encaracolados e de beijar respeitosamente a mão que vós me estendestes com uma graça infantil.

Vejo-vos ainda, todo vestido de branco, tão pequenino, e já tão digno, no grande salão do castelo de Sinaia, cuja história se escreve entre a purpura das suas rosas famosas e o verdor sombrio impregnado de mistério, dos seus pinheiros.

Atrás de vós encontrava-se aquela a quem chamavam a Princesa-Mãe, vossa mãe, com as suas duas mãos pousadas sobre os vossos ombros, protecção mais poderosa que tôdas as baionetas, e a Rainha-Mãe, Maria de Roménia e a Princesa Iléana, tôdas três vestidas de luto.

E eu não saberia dizer o que mais me perturbava, se êsses véus negros envolvendo tanta nobreza e tantas graças e também tanta tristeza, se a vossa brancura de liz, resplandecente e frágil.

A corôa inesperada que vós conduzieis, muito pesada, sobre a vossa fronte de criança, vós não sabeis nem porque vo-la impuzeram nem porque vo-la retiraram. Vós creis, como o compreendereis mais tarde, apenas o seu depositário. Um dia, ela vos será restituída e aquelas que velam por vós carinhosamente, vão ensinar-vos agora a resar para que êsse fardo vos volte o mais tarde possível.

Mas vós não sabieis que a corôa era um fardo. Vós terieis sido o mais feliz dos reis, ignorando que o creis. Vós terieis reinado numa idade em que se sabe, unicamente, fazer-se amar. Vós não pensáveis senão em brincar e em sorrir. O lindo rei que vós fostes!

Vós desempenhaste, todavia, um grande papel: o de conservar o trono para o seu herdeiro natural. Se vós não o tivesséis ocupado, armado com a vossa inocência, que teria acontecido?

Eis porque, Senhor, desejando, como fiel e velho amigo da Roménia, felicidade e glória ao rei que chega, eu quis, visto que voltais aos vossos brinquedos e aos vossos estudos, saudar o pequenino Rei que parte.»

VITOR FALCÃO.



O príncipe Nicolau, do Conselho de Regência, que muito trabalhou para o regresso triunfal de seu irmão, o Príncipe Carol



© Kotten Row.

no Hyde Park

IMPRESSÕES DE VIAGEM

PARQUES
DE LONDRES

O palácio flutuante que é o *Academy Star* lança ferro em Tilbury, a cidade-portal de Londres, e, mal encosta ao pontão, logo se confirma a voz-corrente de que vamos entrar em país duma espécie nova: arrumado, metódico, prático, duma precisão de quem dispôs tudo para aviar gentes inúmeras, e que, logo às boas-vindas, concede as facilidades que venham ao encontro da avidez de desembarque do passageiro que, durante dias, teve por paisagem sempre igual o mar revoltado. Podemos ver inestéticos os monstros de ferro que são os guindastes, e de aparência desagradável o passadiço colossal que é a ponte coberta que vai deslizando até à bocarra escancarada da porta-de-entrada do paquete. Louvamos depois tal prática quando, por essa ponte, e por outra, e mais ainda por outra entramos na alfândega sem qualquer embaraço, e encontrando sempre, e ao fim de cada uma delas, quem nos indique direcções, solícito, anável, cumprindo um dever, e sem esperar perguntas.

A dois passos da alfândega, o comboio. É um rápido que nos levará a Londres sem tardança: quarenta e cinco minutos através de campos que a humidade faz sempre verdes, cobrindo-os de relva. Aldeias que surgem e fogem, parecendo desabitadas. A planície é sempre igual, desconfortável, sem vida própria. Nenhuma das notas pitorescas que lisongeiámos os nossos olhos: o pomar, a casita branca, a ermudita perdida, a abençoar caminhos. Já nos arredores da cidade-monstro, telhados de casaria, rez-vez-a linha férrea, que foi quasi totalmente construída sobre grandes

aterros. É um emaranhado de chaminés todas iguais, todas à mesma altura. O comboio, em sua marcha, desloca-as, fá-las perseguirem-se em sarabanda infernal. Garesinhas dessetas; os eléctricos dos bairros excêntricos; um grande letreiro: St. Pancras. Plataformas compridas, mui compridas; cabeças correndo. Chegámos.

Radica-se, mais e mais, a impressão que tivemos da preocupação de comodidade. Mal olhámos aterrorizados a nossa bagagem: o espectro das viagens, logo surgem os carregadores e os *chauffeurs*. Os *taxis* estacionam dentro da própria *gare*. Um milagre de organização, que não encontrara ainda, e tão fácil de conseguir se os ocidentais fossem previdentes e não se contentassem em construir e dispor tudo para servir apenas o momento presente.

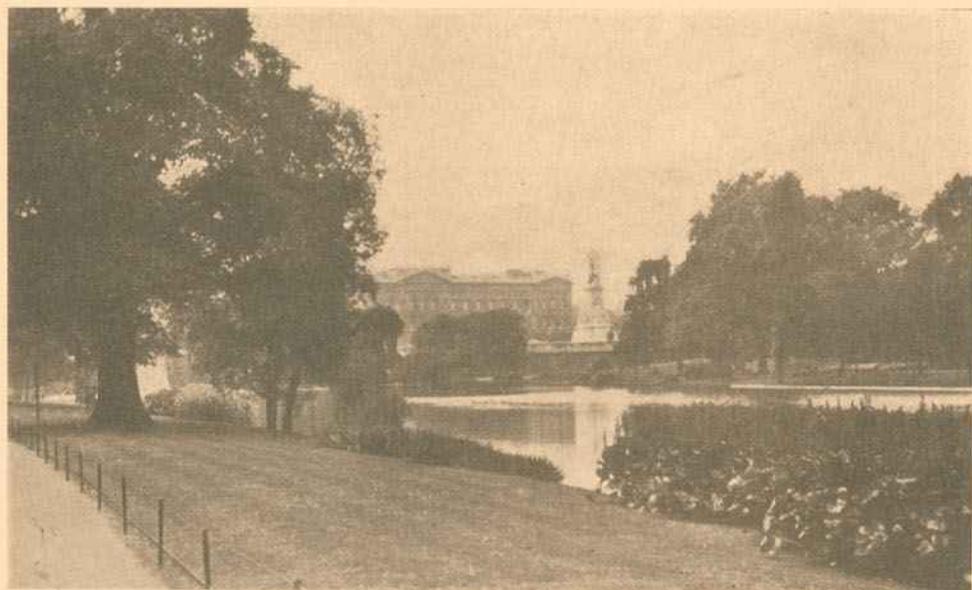
Pouco mais do meio dia, o sol é carícia para os olhos. Londres, com uma população superior a todo o Portugal, vai anonimizar-nos certamente perante nós próprios.

Uma sensação de gôso e angústia, de curiosidade e de temor do vácuo moral, cria-se em nós aos primeiros metros que o *taxi* percorre, ainda dentro da *gare*. Esta antecâmara da cidade, sem o alarido das nossas estações de caminho de ferro, sem um grito, sem uma exclamação mais alta, sem o estridor das bielas, freios e apitos de locomotiva, cria e desenvolve expectativas, fazendo-nos mais estrangeiros onde já somos estrangeiros. Uma primeira rua, modesta; uma avenida larga, sem pretensões gritantes, um ar anável, não sabíamos ainda se empres-

tado pelo sol, se fisionomia própria. O primeiro parquezito, adeus gracioso dum recanto maneirinho; um pouco além o Hyde Park... Escolherámos residência em Linden Gardens, e não mais nos abandonam as árvores de copa alta, frondosas, dum verde de esmeralda, a maioria, algumas de verde-bronze, e todas com seu jeito de sorrirem ao viajante, amolentando paixões ruins, despeitos, mau-humor. De lisongeados, os nossos olhos não as deixam mais. Pode o casario ter pormenores arquitectónicos que seria curioso observar. Estes quilómetros de parque são a melhor, a mais forte e a mais bela promessa para a nossa curiosidade.

...E não a ilude. Quando, uma hora depois, em Marble Arch, cruzámos uma das portas desse parque, que foi outrora lugar de caçadas para reis e príncipes, arriscando o primeiro dos nossos primeiros passos, todas essas árvores recebem a carícia sorridente dum sol sem as estridências da luz ocidental que dá à paisagem vibratilidades dolorosas e uma vida alucinada por estuante de seiva. É um sol luminoso, sem ardências, que vai bem às idéas serenas, às sensações tranquilas, à evolução natural, sem saltos bruscos; é o sol que faz indóles amoráveis, mas sem pupilas incandescentes, que cria almas benignas, translúcidas, que têm por ideal a ventura, mas sem a vivacidade macabra que as faz inconstantes por seus arrebatamentos de doídice!

Abrem-se áreas; correm automóveis por uma avenida cortada em recta, a perder-se de vista. A primeira vereda que tomamos,



Palácio de Buckingham e monumento à Rainha Vitória, em St. James Park

desenhada na relva que faz tapete em todo o parque, leva-nos a um lago. Ainda não vimos flores, mas a petizada canta os júbilos de alma que as flores cantarão em nós se as tivéssemos ali, em canteiros ou em moitas vermelhas. São às dezenas os garotinhos de cabelos loiros, faces rosadas e olhos azuis, a espelhar candura. Fazem grupos, correm, rebolam-se na relva, a renovarem cultos que tenham por expoente a Natureza, e cantando na sua desenvoltura, nas suas correrias, evoés de graça, e escupindo na nossa retina a legenda duma vida saudável de folguedos que há-de trazê-los ingénios através dos anos, sempre meninos em paixões, mais lhe agradando um sorriso, uma graça, do que os beijos rubros que mordem a carne em histerias de desejos. Ouvindo a missa solena cantada pelo ramalhar das árvores; colocando as suas cabeças sob a cúpula sagrada dum freixo gigante, a receberem a sua bênção, são praticantes duma religião toda feita de luz, saudável e arejada, de perspectivas amplas e ventura sem par. Em contraste doloroso vemos as centenas de creaturinhas anémicas de Lisboa, de Portugal inteiro, a quem não deram ainda parques, porque as educações de sacristia as roubam à apoteose do ar-livre e predicam perigosa a convivência entre os dois sexos...

...Mas novamente a Natureza domina. Maravilhosamente fecunda, a terra, neste perimetro, revigorou o arvoredado. Fêz altos e ramalhudos os carvalhos e ulmeiros, os álamos e os freixos. É uma boda bíblica, com a ramaria a casar-se toda em tunel de verdura. Extravasa-se a seiva, comunicando-se a tudo. Chilreia a passarada, mais garrula e contente; perseguem-se as aves, como se as crianças, brincando cá em baixo, lhe tivessem ensinado a comaradagem fraterna, ou fossem elas que a houvessem ensinado às crianças. Nenhum recanto infecundado. Dois passos além, a mancha policroma das flores — as primeiras que os nossos olhos viram...

São os crisântemos: fazem frio. Mas como este outono de 1930 corra propício para todas as outras flores, a uma moita vestida de vermelho, logo outra se segue arroxeadada; junto do branco de leite, como se a cor fosse feita

de lágrimas e luar, a tonalidade azul das anêmonas, espelho que reflectisse o céu... Ainda não caíram sobre todas essas flores os nevoeiros que hão de matá-las, e cada uma sorri para nós, vaidosa, graciosamente aristocrática, como em aprestos para disputas de prémios de beleza.

O sol não se cansa de beijá-las, revigorando-as, aquecendo-as. Neste parque colossal não deve haver inverno, tão grande crime será roubar a cada árvore a beleza das suas vestes verdes, e enregelar cruelmente, até à morte, cada uma destas flores. Como já é quasi decorrido Outubro, parece-nos, até, graça pesada de viajante mentiroso a afirmação de que o outono e inverno atiram sobre Londres os tules opacos da névoa.

...E as horas passam, blandiciosas. Em cada vereda, e são às dezenas, há sempre um



pormenor inédito: uma moita colossal, uma árvore centenária... E sempre, e sempre, e por toda a parte, os ranchos de garotinhos. No Hyde Park como nos demais jardins, alindados todos, todos dispostos por forma a oferecerem sugestões de beleza. Não conheço cidade onde a infância disponha de tantos recintos para seus folguedos. E, para recreio dos nossos olhos ainda o *Queen's Institute for Nursing* nos fornece uma lista dos jardins particulares que podemos visitar, esmaltados todos a flores raras, preciosos, idílicos. A obcecção pelo jardim é tal que, um dia, por acaso, quando subimos os quatro andares do Selfridge — uns grandes armazens onde se vende tudo e onde nada falta, pequeno mundo com a sua estação telégrafo-postal, com seu *bureau* de todos os espectáculos, e em cada um dos seus quatro andares, todo o supérfluo e tudo o necessário para a vida — pois por sobre essa mole que é todo um quarteirão, lá foram colocar, com gracioso arranjo, um parquezito de árvores anãs, mas não ridículas, taboleiros de selva, caramanchéis, miradouros de onde a vista surpreende perspectivas de Londres: ruas irregulares, labirínticas por vezes, uma nesga do Tamisa, as torres do Westminster...

Mais pinceladas verdes. St. James's, Green, Temple, Regent's, Ken Wood, e outras mais pequenas. São os parques mais íntimos, mais recolhidos em sua própria contemplação, e por isso um tanto, um pouco, e mais e mais melancólicos. Não os percorrem, como artérias, os braços dos lagos, mas as árvores achegam-se mais umas às outras como para segredar as histórias que conhecem de sua visíssima poesia, românticas: parzinhos que se dão as mãos, beijos que cantam *romanzas* de ternura...

Todos eles retalhos dispersos do Hyde Park, nenhum deles tem renome universal. São parques que o mundo ignora, e por isso mais acolhedores, mais a nossa-casa. Até as aves orgulhosas, amigas da solidão, aquelas que não aceitam convivências que as roubem a si próprias, os elegem para seus ninhos, enamoradas do remanso, da tranquilidade do lugar...

Mas o Hyde Park tenta-nos novamente. A



A ponte sobre o Lago Serpentino, no Kensington Garden

tranquilidade fatiga o espírito, e lá voltamos num domingo, quando sabíamos suas áreas invadidas pelos ranchos que já não procuram as praias. Eutão o mais alto exemplo de civismo nos é dado por esta raça, que é anti-pática fora do seu território por orgulhosa com estultícia, por afrontosa em seu megalomanismo patriótico, mas a mais gentil, amável e hospitaleira com que nos foi dado tratar em casa-própria. Esquecemos os demais exemplos, para subordinar todos a esta lição formidável de respeito pela opinião alheia — princípio salutar de consentir a cada cérebro a sua função de raciocínio: os comícios.

Por cada idéia em ebulição, por cadaopotência de que se sintam vítimas, todos, mas todos os habitantes desta colmeia colossal que é Londres, têm o direito de subir a um estradozito alto, e dizer do que pensam, ou a reclamar justiça. Nessa manhã clama a sua ansia de libertação, a Índia— «despoticamente governada pelas gentes da Grã Bretanha, havendo de há muito atingido a maioria que não consente tutelas. Criada a consciência nacional, ela há de libertar-se, ainda que se torne necessário recorrer a todas as violências!» — ameaça um dos seus caudilhos.

Em pedestais lado-a-lado, um protestante de cara escanhoadada e dois olhinhos inquietos, e um católico de traço descuidado e barba emaranhada, como manda a humildade e ascetismo, proclamam a verdade das suas religiões; um comunista apresenta os seus ideais como os únicos consentâneos com a verdade da vida; dois passos além, um dos oradores da união anti-comunista e anti-socialista, de sorriso contente em rosto farto, afirma que a hierarquia social é o forte esteio das sociedades, tendo por base a selecção. Os ouvintes interrompem freqüentemente cada um desses pregadores para estabelecer polémica, ou para formular hipóteses que são armadilhas. Correctamente, sem insolências. E todos sob a vista dos *policemen* que tudo escutam impessoalmente, prontos, porém, a intervir mal se esboçem quaisquer conflitos. — Raros, raríssimos! — garante-nos um informador gentil com a sua autoridade de espectador de todos os domingos.

E compreende-se. Onde não há as exorbitâncias da calúnia, da mentira, ou as promessas irrealizáveis, o ambiente é de morno entusiasmo. Assim, é difícil a cada um ultrapassar a sua fronteira de liberdade. Eloquência, retórica, são para os povos de alma complicada. Oratória fácil, sem ressaltos, ninguém barafusta, se esfalha ou se consome em titânicas refregas de palavras. Nem os gestos são de desafiar destinos. Mesmo a multidão parece não ter preferências ideológicas. Vai dum a outro estrado como para conhecer todas as correntes de opinião, e, uma vez longe dali, estabelecer, sensata e mui prudentemente, qual a doutrina que melhor a sirva. Sôbrios, os oradores não se desorientam com as interrupções, e é muitas vezes sorrindo que respondem a este e àquele...

Pouco depois vemos também demonstrada,



nesta feira-franca de idéas, a pertinácia do inglês. Está dito que o ridículo é o exagêro duma grande qualidade. Pois entre o palrador da religião protestante e o pregador da religião católica, há agora um grupo sem ouvintes. São os praticantes duma nova seita que substituíram a palavra pelo canto, convencidos que conquistarão assim as boas graças de Deus. Psalmódiam, bíblia aberta, gúelas escancaradas. Os três, apenas os três. O espectáculo faria sorrir um ocidental, sempre pronto à crítica destrutiva, porque observaria que ninguém os escutava. O mais idoso desses homens é quem inicia a cantilena. É um velho alto, seco, esgrovinhado; a seu lado um rapaz, novo ainda, magrízela; adiantado um pouco dos seus companheiros, o terceiro — baixinho, atarracado, míope. Marcaram para as onze horas o início da cerimónia religiosa, e às onze horas a começam — sem ouvintes. Cantam sem descanso, os três, embora continem a não ter quem os escute. Meia hora, uma hora, e a cantoria não cessa. Ninguém se demora junto deles, e eles não cançam. Com a crise do desemprego pode admitir-se que seja uma família que pretenda lançar um novo ritual, encontrando um campo de actividade fácil. ¿E não teriam nascido assim todas as seitas: criando hoje um adepto, amanhã outro — profissão, modo-de-vida dos espertos com auréola de iluminados? Persistentes, voltarão amanhã; e é bem de ver que a récuca de miseráveis, desalentados, infelizes e pedintes que procuram manter acesa a sua ilusão, começando por ouvi-los, acabará por entoar com eles aquelas cantilenas que são morfina para a alma. Fesses trarão outros; o rebanho aumentará. Aos desiludidos doutra seita abrirão os braços predicando que a verdade só com eles está. E não nos admirará que visitando nós a Inglaterra, anos volvidos sobre o início desta nova seita sob as árvores sagradas pela idade e beleza do Hyde Park, vamos encontrar, em rua concorrida, uma catedral, uma igreja de bem lançada traça, naves altas — que tenha por sacerdote esse velho alto, seco, esgrovinhado, e, por acólito, o número três, baixinho, atarracado, míope...

ASSIS ESPERANÇA.

A seguir: AS RUAS DE LONDRES

A DIREITA — Uma scena do super-filme de Fritz Lang
A mulher na lua, que está sendo exibida em Lisboa
com enorme successo

(Foto U. F. A.)



224



O facto mais digno de registo da quinzena que passou foi, sem dúvida alguma, a exibição do primeiro fono-filme em português *A canção do berço*, apresentado pela grande Paramount. Não cabe nestas páginas a critica detalhada, escafpelizante, desta produção. Incumbe tal dever e semelhante direito, à imprensa da especialidade. Evidentemente que tal filme não pode ser considerado obra prima, nem parece surgir ninguém a acoinhá-lo de indigno das nossas telas. Tomemo-lo, porém, como um filme mediano, à primeira vista. E depois, tranqüilamente, nós que não formamos parte de nenhuma *capelinha* cinegráfrica, notemos que todos os artistas principais são portugueses e, ainda mais, estreantes como actores de cinema, mudo ou sonoro, a protagonista, até, estreante em interpretações dramáticas e em declamação. Depois, logo a seguir, pensemos que o realizador, Alberto Cavalcanti, não foi nem será nunca, uma primeira figura no seu maípe, notemos ainda que o argumento é um *fait-divers* banal e prejudicado pela adaptação... e concluiremos, em plena boa fé, que afinal «A canção do berço», sujeito a tôdas estas desvantagens, é um filme bem apreciável.

Sobretudo há uma coisa que nos deve dispor bem ante esta produção; é que vemos, ouvimos, que é mais, pela primeira vez, uma produção de série, mas mediana, aceitável, de tipo cosmopolita, com artistas portugueses, boas iluminações, decorações decentes, fotografia igual, tudo sem amadorismos nem as terríveis improvisações, sem «cheirar a pelintrice». E este milagre, que marca uma etapa na história do cinema em Portugal, deve-se à «Paramount».

Não conhecemos dirigentes desta casa, nem representantes, nem amigos dela. Por isso independentemente a louvamos, sobretudo pelo contraste que oferece com outros potentados estrangeiros e até nacionais, que, para vergonha nossa, ainda são tolerados neste

país, a quem impõem o rebotallo das suas produções, filmes falados, cantados ou ladrados nas mais exóticas línguas do globo sem nunca terem pensado, sequer, na escolha de um ou dois artistas nossos para os seus elencos, com igual consideração à que dedicaram a outros, todos os outros países latinos.

Esperemos notáveis melhorias nos próximos filmes em português, da Paramount. Com uma escolha de artistas mais conscienciosa e realizada por director de nomeada (porque não americano?) assistido de um ou mais portugueses de inteligência e boa vontade, obter-se-iam produções verdadeiramente estimáveis. Não fultem recursos técnicos e financeiros e os artistas aparecerão se houver bons pesquisadores. E todos os sinceros terão que aplaudir, ainda mais, o esforço já notavelmente simpático das hostes de Adolphe Zukor e Jess L. Lasky.

Constatamos que, em todos os programas, mudos ou sonoros, continuam a incluír-se, por lei, cem metros de assuntos ridiculos, mal filmados e de legendas tôlas, a que se chama... «um filme português».

ÉCRAN.



A ESQUERDA — Sally Eilers, uma deliciosa srestrelhinha nova da Metro, numa pitoresca «travesti» de vaqueiro

(Foto U. F. A.)



MARION DAVIES

A FORMOSA
«ESTRÉLA» AMERI-
CANA, VESTINDO UM
ORIGINALÍSSIMO PIJAMA DE
«GEORGETTE» AZUL CLARO,
MANGÁS E FEITO DA
JAQUETA EM TECIDO
LAMÉ DE PRATA

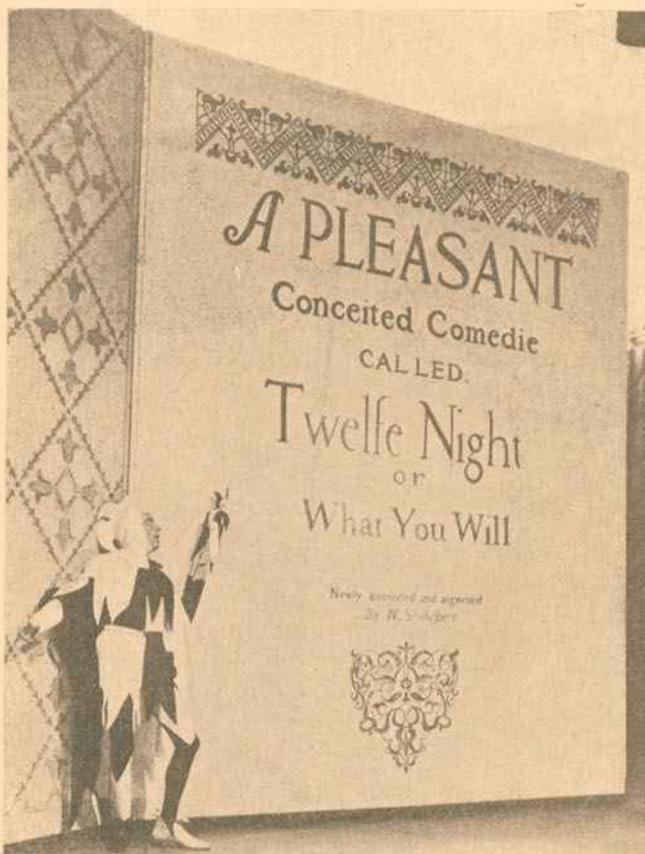
(Foto M. G. M.)

Alla Nazimova, que regressa do cinema ao teatro trágico.



Os autores universais, os grandes gênios da dramaturgia, são eternos filões da especulação dos empresários. O Teatro grego reaparece em ousadas transposições,

la mujer ou *El gran teatro del mundo*, sem deixar de prestar aplauso incondicional



e constante, quantas vezes surgem os românticos, com Zorrilla e o Duque de Rivas à cabeça, nos palcos de Madrid ou outras capitais. Em Portugal, Frei Luís de Sousa está enterrado nos arquivos e representa-se Berr e Verneuil, e de Gil Vicente sabe-se que escreveu umas larachas. E ao mesmo tempo, até

vas versões, adaptadas à técnica moderna, das obras menos conhecidas do grande dramaturgo. A última em data destas versões é da autoria de dois escritores notáveis, Kenneth Macgowan e Joseph Verner Reed, e foi baseada na velha e deliciosa *Twelfth Night* (A décima segunda noite), que há muitas décadas não era representada em Nova York e que obteve um sucesso enorme, não só pela interpretação deliciosa do papel de «Viola» pela talentosa Jane Cowl, uma das figuras proeminentes da scena *yankée*, mas também pela apresentação luxuosa e original em que um livro enorme é o palco onde desfilam os quadros, um em cada página, conforme o bôbo do prólogo as vai folheando, tal como representam as nossas gravuras.

A ESQUERDA — A original scenografia do prólogo da comédia de Shakespeare *Twelfth Night* (A décima segunda noite), na sua nova versão



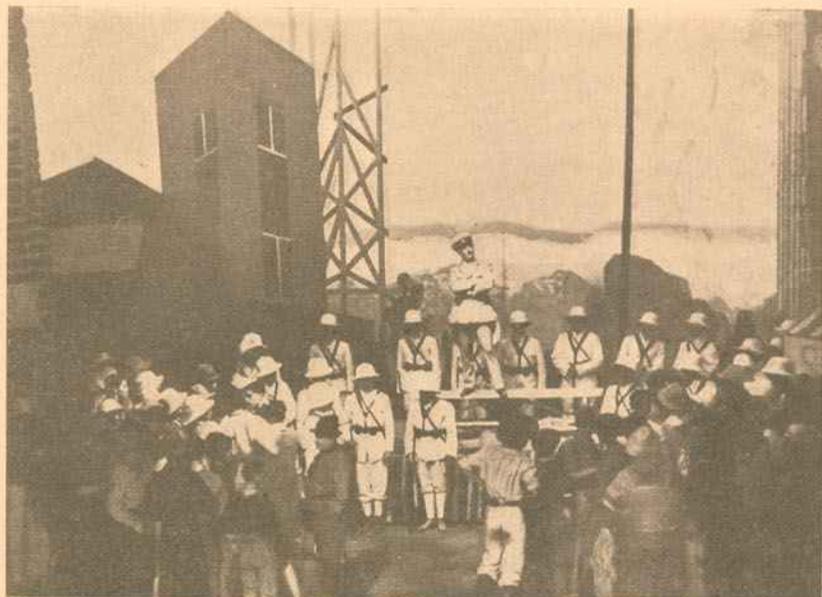
A DIREITA — Jane Cowl, a deliciosa atriz americana criadora da «Viola», a delicada personagem shakespeariana de *Twelfth Night*

especialmente na Inglaterra e Alemanha, a França conserva o fogo sagrado de Racine e Corneille sem falar de Molière, que todo o mundo aplaude como o mais preclaro engenho de todos os tempos. Em Espanha, os esforços de alguns eleitos restituíram ao teatro de Calderon, Tirso e Lope, o primitivo esplendor, e o povo espanhol enche metódicamente, tôdas as noites, os teatros que dão *El alcalde de Zalamea*, *La vida es sueño*, *La prudencia en*

na própria prosaica e utilitária América do Norte se fazem reposições, contratam-se encenadores como Max Reinhardt e buscam-se novas fórmulas scénicas para os textos imortais. Shakespeare, o eterno, tem sido largamente interpretado e sem chegarem ao cúmulo de Fernando de La Milla que, em Espanha, apresentou um «Hamlet» de casaca e uma «Ofélia» fumando e tomando *cocktails*, realizam-se encenações curiosíssimas de no-

Alla Nazimova é uma artista russa, genial artista, por acaso, que em Portugal só é conhecida pelos seus filmes, velhos filmes que foram obras primas e dos quais devem ser recordados ainda *Casa de boneca*, *O farol chinês*, *Salomé* e uma infeliz versão para o gosto meridional de *A dama das camélias*, com Rudolpho Valentino.

Alla Nazimova, porém, retirou-se da scena e dos estudos cinegráficos e viven em Inglaterra alguns anos, como simples particular. Acaba, porém, de fazer uma estrondosa reaparição com a sua estranha e original interpretação de *Hedda Gabler*, talvez a sua mais alta coroa de glória, obra em que é inexcusável e única. E as críticas assinalam também que a estranha beleza de Nazimova, como o seu génio de intérprete, não sofreu nada com o tempo. Está mais perturbante e formosa do que quando realizou *Salomé*, ante as decorações arrojadas de Natacha Rambova.



Uma scena de *Donogoo*, a célebre obra de Jules Romains, o actual successo-monstro do Théâtre Pigalle, de Paris

Em Paris, no Theatre Pigalle, nababesco capricho de Rotschild, o teatro mais moderno do mundo, aquele em que os aperfeiçoamentos técnicos permitem o infinito de perfeição nas encenações, representa-se com o mais clamoroso dos successos, uma peça de Jules Romains, intitulada *Donogoo*. Como *Histoires de France*, de Sacha Guitry, que tinha 14 quadros, a peça do genial autor de *Knock* tem uma multidão de quadros em que passam, numa alucinação de filme, quasi todos os países do mundo, canais que desaparecem, monumentos que se desfazem, uma orgia de maquinaria teatral.

É que, com efeito, *Donogoo* foi extraído do argumento que Jules Romains compusera para um filme.

No entanto, os espectadores não são empolgados pela maquinaria espectacular do

Rotschild, a mais perfeita do mundo. O texto da nova obra do autor de *Knock* suplanta tudo.

É, de certo, um achiado formidável o esqueleto da peça, bem simples e bem espirituoso.

Um velho sábio, por engano ou decrepitude, inscreve num mapa das Pampas da América do Sul, uma cidade *Donogoo*. Um especulador quer fazer dela a maior cidade do novo continente e persuade os banqueiros dum lado e os emigrantes do outro, estando ele próprio persuadido da sua existência, a empregarem na empresa os seus capitais e os seus braços. A publicidade inunda o mundo e os emigrantes partem.

Mais tarde, parte o especulador com os milhões e encontra uma multidão de iludidos que, tendo chegado à Pampa e não tendo

encontrado mais do que um clima admirável, fizeram a cidade que não existia. Os milhões farão o resto.

E pede-se, na praça pública, um monumento gigantesco: o monumento que glorifique o «erro científico». Efectivamente, o sábio conseguira, errando, o que ninguém conseguiria. Se promettessem ao capital e ao trabalho, de boa fé, um emprêgo longínquo em paragens desertas, rir-se-hiam banqueiros e emigrantes. Mas o erro científico criara a miragem dum ponto mentiroso e um falso letreiro num mapa a côres. E todos embarcaram para a aventura e *Donogoo* surgiu do impossível como uma realidade magnífica, num milagre de fé e energia humanas. O successo desta obra tem sido, como era de prever, absolutamente fantástico, tanto mais que a crítica citou algumas scenas como dignas de Molière, Labiche ou Courteline, tal a força satírica de que Jules Romains as impregnou.



Um curioso auto sacramental. O presépio, numa pantomima representada por alunos no Colégio de Surdos-mudos, em Berlim

(Fotos Ortol.)

É curioso lançar uma rápida vista de olhos aos teatros parisienses na quinzena final do ano. No Madeleine, Sacha Guitry e Ivonne Printemps não chegam a abrir a bilheteira. Está a casa sempre tomada pelas agências. *Donogoo*, no Theatre Pigalle, exgota tôdas as noites, e o mesmo sucede ao Theatre Antoine com «La Petite Catherine». No Châtelet, no primeiro espectáculo de Chevalier as marcações excediam 200.000 francos e a rua de Clichy tem o trânsito interrompido tôdas as noites porque no Casino trabalha Josephine Baker. «Topaze» vai em 800 representações, «Marius» em 600, «No No Ninette» não se sabe já quantas representações tem. Entre 200 e 300 representações seguidas tem as peças «Le prof d'Anglais», «Sexe Faible», «Etienne» e «L'Acheteuse», a célebre obra de Steve Passeur.

E os jornais corporativos falam desoladamente em crise!...

TALMA.

HORACIO
DE
NOVAIS



Beneditinos

ARCARIAS
LISBOETAS

PAGINAS DE ARTE DE

COMO FORAM OS REIS MAGOS



lados a curva do céu era uma sanefa negra de exéquia.

Naquele tempo os homens estavam mais perto das Origens; por isso o céu ainda falava aos homens, e os homens entendiam

rubis, verdes de esmeraldas e hemalaquites, azuis de turquezas e safiras, amarelos de topázios, roxos de ametistas. Mas a alma, essa sempre de branco de brilhante. Foi por isso que lhe chamaram o Rei Mago; porque, fóra isto, o Rei Belchior não foi mais nada mago e até se não fôsse rei era o preto Belchior.



Nesse dia, ao vir da noite, tilintando as anilhas dos braços, as judias de Bethlem vieram espreitar, curiosas. Pois tão novinha e tão modesta e já já ser mãe? E ao campainhar das anilhas, das pulseiras, acudiam outras, qual delas mais copiando a noite negra do deserto nos olhos negros, sorrisos tilintantes como as anilhas dos braços.

A um mercador rapineiro, herdeiro de águas no perfil e no geito, roubaram nessa tarde dois panos caros e ao-de-lá do Eufrates, um vaso de perfume e duas varetas colo-



Já pagensinhos loiros carregam urnas de ouro cravejadas de pedrarias: berilos e sardónias, calcidónias inscritas de signos esotéricos, ágatas e cornalinas, onyx, absintios. Já finas mãos morenas, mãos oblongas desfiavam contas de azeviche, colares de pérolas, amilhas de ouro e bronze, cheios de estora-



a linguagem mística do céu. Foi nessa ocasião que dizem ter aparecido uma estrela alviçareira da boa nova: que tinha nascido outra estrela cá em baixo, dentro da carne dum menino-prodígio, e que fôsem vê-la com olhos purificados.

As laranjeiras iam tôdas floridas de côr de ouro e jogavam a pela, ao vento. Uma judia que viera no primeiro, trouxe uma laranja ao Menino. E a criança, de tanto que olhou, com seus olhos de azul profundo, a laranja loira, foi-a enchendo tôda de azul até haver nas mãos um globo de safira pontilhado de luzes, como uma esfera celeste constelada de lumes.

que e kelbenah, de mirra e cinamomo. Tudo para o menino que nasceu na estrebaria e é irmão das estrelinhas do céu.

Ora nos presépios tinha que haver três reis magos. Então o Rei Belchior juntou-se com outros dois, um branco com barbas brancas que vinha da Babilônia dos bruxos, outro côr de cidra e sem barba nenhuma, para não serem todos três da mesma côr.

Os presentes foram todos para o Menino que era já maior que todos. Mas do que o Menino gostou mais foi da laranja que se fêz bola-do-mundo.

CRISTINO GOMES.

(Bancos de João Carlos)



ridas; porisso ficara apegado à sua tenda, em lástimas, tantas até fazer lastimosa a noite triste. As barcas tinham amarrado tôdas e a faixa de águas era tal uma lâmina de aço retalhando o escuro.

Então o curral aonde se acoitaram os peregrinos iluminou a estrada. Alguns disseram: que lindo luar! Foi concerteza a lua que se desfêz tôda em luar, atrepando da banda de lá do estábulo. E deram-se a correr as veredas tôdas à cata de encontrar a maravilha da lua desfeita. Mas para todos-los

Ora o Rei Belchior tinha nascido pintado de preto por ter já a alma branquinha. Por isso o Rei Belchior era preto por fóra e de outra côr por dentro: tinha umas barbas negras, uns olhos negros, uma cabeleira negra, duas mãos negras. Era uma noite feita em carne, mas era um dia feito em alma. E, como noite, tinha uma constelação nos dentes alvos; e, como dia, tinha um sol dentro da cabeça.

O Rei Belchior não gostava de vestir côres de noite, vestia vermelhos de coralinas e

Qual foi o seu maior des

Um ano que começa é um livro em branco, são trezentas e sessenta e cinco páginas em branco, onde cada mortal vai anotando as suas horas de alegria e de tristeza. Um ano que acaba, que desaparece, é também um livro, mas já escrito, publicado, onde cada página é um dia bom ou um dia mau. Uma existência que começa tem um monte, uma montanha, de livros a escrever... E uma vida que termina é assim como



Teixeira de Pascoais, visto por Tom

mais duradoura que as restantes, mais da nossa memória que as outras; assim como há, no início de cada ano, um desejo, uma ambição que queremos tornar linda e luminosa realidade, e, com ela, escrevermos, encheremos toda uma página do ano que surge e vamos viver.

Acabamos agora de voltar costas a 1930 e na nossa frente espera 1931, o novo ano, sorridente, convidativo, chamando-nos para a grande guerra da vida. Todo o mundo está equipado para a luta: — uns, nas primeiras linhas, teimosos e esforçados como sempre; outros, vencidos pela descrença, sem ilusões, ficam mais à retaguarda... Nesta hora, nesta ponte de passagem para novos dias, faz-se, demoradamente, o balanço do que passou por nós. Muitas quimeras, muitos desencantos? Muitas vitórias, muitas derrotas? Há de tudo... Sobre o ano que desapareceu há bons e maus juízos; sobre o que chegou há bons e maus juízos também. Afinal, há de tudo... E nós vamos prová-lo, fazendo passar sob os olhos do leitor os conceitos que colhemos de figuras conhecidas, de figuras que toda a gente conhece.

— O que pensa do ano 1930? O que pensa do ano 1931?

Disparamos estas duas interrogações a pessoas célebres ou que vão a caminho da celebridade. O primeiro a ouvir-nos foi Teixeira de Pascoais, o poeta dos abismos e das neblinas. Estava escondido, abismado em olhares longínquos, quando o cumprimentamos, ali, na «Brasileira». Alguns minutos a recordar Raúl Brandão, e, logo a seguir, atiramos ao poeta do saudosismo as nossas duas perguntas. Teixeira de Pascoais fala: «Eu vivo escondido no Marão... 1930 não me desagradou. Diz-se que vivemos no século da velocidade, da prosa, mas, a poesia tem dado uma

uma biblioteca onde não há espaço para mais nenhum volume, para mais nenhum minuto...

E se os anos são livros — livros humorísticos ou livros trágicos — temos que admitir que em cada ano que tomba há uma página querida,



Dr. Alves Barata, visto por Tom

um grande desgosto, no dia em que não recebi certa carta... E aquilo que eu mais desejava em 1931 é que não houvesse um único

PESSOAS QUE TODA A GENTE CONHECE...

dia em que me faltasse essa carta... que é infalível, cotidianamente, na minha correspondência... E nada mais disse a ilustre autora de *Renúncia*. O leitor ficou certamente desapertado por não saber qual era o assunto dessa carta, cuja ausência inquietou Virgínia Vitorino. Mas, não é muito difícil adivinhar... O leitor tem que admitir que a poetisa que escreveu os *Namorados* não possa inquietar-se a não ser pela falta de uma carta de amor...

Depois agora o dr. Alves Barata, ilustre Distribuidor do Crime na Boa-Hora. Figura conhecida e estimada pelo seu talento e zelo profissional. Um grande *blagueur* e um grande espírito de larga visão crítica. Responde assim ao nosso inquérito: «Não faço juízo nenhum sobre o tempo, porque sou eu quem passa pelos anos e não os anos que passam por mim... Quero, contudo, responder-lhe, e, para isso, vou debruçar-me no meu cargo de Distribuidor do Crime. Aqui pela Boa Hora passam anualmente centenas de tolices e lou-

grande superioridade de revelações. Contudo, o ano que acabou deu-me uma violenta surpresa — a morte do autor dos *Pobres*. Quere, agora, que lhe fale de 1931? Impossível. 1931 tem poucas horas, tem um único dia — é uma criança... e os poetas adoram, sempre, sempre, aquilo que despoeta e estende os braços para a vida!»

Depois do depoimento de Teixeira de Pascoais, o nosso maior poeta, o depoimento de uma poetisa que tem um dos primeiros lugares entre a numerosa família das nossas poetisas. Vai falar Virgínia Vitorino. Quere que lhe confesse, que lhe fale verdade?... Em 1930 tive

curas de Lisboa. O ano que terminou deu-me o grande desgosto de ver crescer os crimes de amor. Estupros, adul-



Erico Braga, visto por Roberto Nobre

tudo aumentou. O que eu mais desejava para 1931 era que os crimes de amor desaparecessem, e Lisboa tivesse em mais consideração o matrimónio. Leci a m, mais demoradamente, as curiosas respostas do dr. Alves Barata, e, entretanto, reparem no que disse D. Carolina Homem Cristo, a mais notável actividade do nosso meio jornalístico e literário: «Penso o melhor possível do ano 1930! Foi um ano sonoro... Um ano que nos trouxe coisas como o «D. O.-X», o «R.-101», o cinema falante e a televisão aos domicílios, não pode deixar de merecer toda a minha consideração e apreço!... E, 1931? Sou optimista. Nunca espero o mal e não costumo julgar ninguém sem provas; quanto mais um ano, que pode vingiar-se de mim fazendo-me alguma partida... Receberei o novo ano sem temor, confiante, com um franco sorriso nos lábios. O ano 1931 há-de ser bom! Por que não? Continuo o meu optimismo, que me tem dado forças para vencer. O ano que entra será gentil para a humanidade, não terá maus humores, será bem educado, muito civilizado, enfim, digno do nosso século.

Erico Braga, o Erico a quem designámos já, nesta mesma revista, como grande actor francês... traduzido para português, disse-nos o seguinte, no seu camarim do Trindade: «O 1930 foi para mim uma ilusão e terminou num aborrecimento... Para 1931 tenho excelentes projectos. Conto lançar um grande jornal. Como escreverei os artigos de fundo? Que pergunta! Mas escrevê-los-hei de casaca! Claro: Eu só sei fazer jornalismo em traje de *sobres*. E fechou com uma gargalhada. Erico, o velho Braga deixa, afinal, um ano a rir e entra a gargalhar no que se segue... E, por fim, as respostas da jovem e ilustre pintora Maria Adelaide de Lima Cruz. Um cabelo oiro tostado, óculos, um sorriso, ora mais vivo, ora mais quieto — é a sua cabeça. Agora, o que ela nos respondeu no seu atelier: «Tive um dia trágico, alitivo, como um pesadêlo, em 1930. Certa manhã, ao começar a pintar notei, com assombro, com mêdo, que os meus



Virgínia Vitorino



Carolina Homem Cristo



Maria Adelaide Lima Cruz

Qual é a sua grande

gosto no ano de 1930?

olhos não viam nada e que os meus dedos não se entendiam com os pincéis. Foi um dia pavoroso! Uma espécie de amnésia geral que — felizmente! — desapareceu no dia imediato. E V. quer saber o que mais desejo em 1931? Vou fazer uma exposição na *Bobone*. Compreende... Enfim, não queria ser muito infeliz... Nada mais nos disse Maria Adelaide. E o que ela ambiciona não nos parece nada difícil, para quem tem um tão grande e original talento! E agora os de-



O cantor Alfredo Marceneiro

poimentos dos que ninguém conhece, daqueles que passam obscuros no mar tempestuoso da multidão.

As grandes ondas de existências que vêm de longe, estremeçadas de anseios, quebram-se a maior parte das vezes de encontro aos rochedos da desgraça e da fatalidade. Algumas salvam-se, ficam com alento, e conseguem chegar a uma praia de abrigo, de protecção. Nova caminhada, com mais fé, com mais esperança, até que a salvação ou um desengano irremediável vem marcar o cansaço fatal de todas as ilusões ou o triunfo de todos os sonhos.

Toda a gente tem o seu destino... Perguntámos a pessoas célebres o que mais lhes tinha desgostado em 1930 e o que mais desejavam para 1931, e logo reparámos que o nosso inquérito ficaria incompleto se não colhesse, também, respostas dos desconhecidos, dos anónimos.

O primeiro vulto que arrancámos dos subterrâneos da vulgaridade é um cantor de fados.

O fado, para certas existências, é o mesmo que uma religião. Ali na Avenida, num café que agora está transformado em catedral da canção nacional, encontramos esse fanático, esse sacerdote que reza cantigas a uma guitarra por amor e devoção. Primeiro, é-nos apontado entre um grupo, e ouvimos estes esclarecimentos: Chama-se Alfredo «Marceneiro». Nasceu no Bairro Alto. Canta o fado desde que nasceu porque sua mãe, quando ele era pequeno, o adormecia a murmurar-lhe essa canção. Eis um «fadista» que o começou a ser desde o berço... Está agora na nossa frente. É um «tipo» vulgar. Nem boné, nem melenas, nem maneiras de gingão.



O «ardina» sem nome nem alegrias

não se deve nem se devia vender. Eu canto o fado como se rezasse. Mas veio o sr. dr. Menano e a menina Alice, começaram a ganhar dinheiro, e o fado tornou-se mercadoria. Que vergonha! Eu canto porque a minha alma mo ordena. E o que eu mais ambicionava para 1931 é que fossem proibidas as especulações que se fazem com a nossa linda canção. E que eu sou um «fadista trágico». E mais não disse o Alfredo «Marceneiro». E quando o deixámos, ele ficou de lágrimas nos olhos, comovido, a ouvir uma mulher que acabava de subir a um estrado, e começava a cantar: *E loucura! E eu bem o sei...*

Mas nem todos tropeçam violentamente na vida... Olga Vieira, uma corista do *Maria*



A corista Olga Vieira, do «Maria Vitória»

FIGURAS... SEM FAMA NEM GLORIA

Vitória ia muito saltitante, vestida com duas sílabas de sêda garrida, para entrar em scena, quando a piecámos com as nossas duas perguntas: Primeiro, hesitou, nem disse sim nem não. Mas logo depois, puxou-nos para um canto do palco, e, a meia voz, certamente para não ser ouvida pelas suas colegas, disse-nos isto: «Foi há quasi dois meses o meu primeiro desgosto de 1930. Ia entrar em scena, parti um tacão do sapato, e assim tive que dançar. Ah! Ah! Ambições para 1931! Muitas. Gostaria de ser como Anzenda de Oliveira. Gostaria de dançar como Lea Niako. Gostaria de ser a Bebe Daniels, e poder fazer um filme falado em português... Gostaria...» e não chegou a concluir a frase, porque a chamaram para a scena, onde tinha de fazer um «papêl» de criança... Reparem agora no que nos disse um *ardina*. Tão infeliz como vivo, vem oferecer-nos, entre os jornais da tarde, a nossa revista. Carrega o sobreenho, como se não entendesse lá muito bem as nossas interrogações, leva a seguir a mão ao boné, e de-



O velho N..., porteiro de museu, visto por Tom

clara: «O meu senhor, não tive desgostos no ano que acabou. Passei dias sem comer, não ceei na noite de Natal... Não tive desgostos... A minha vida é assim mesmo. O que eu gostaria de ter em 1931? Olhe, gostaria de encontrar a minha mãe... que não sei quem é». E desapareceu, a correr, com a bôca cheia de prêgões de jornais.

Era também um tipo bem curioso aquêlle porteiro de um grande e conhecido museu, a quem fomos pergun-



A «manucure» estilizada, por Tom

tar o que mais o havia desgostado em 1930. Disse-nos, com seus vagares de velho sabichão, que o desgostou mais no ano que acabou, ver entrar só estrangeiros naquele museu, de que é sentinela há tantos anos! E com voz grave acrescentou: «Estas coisas de arte parece que já não interessam aos portugueses... Para 1931, o que desejo? Sou velho, não tenho família... Nada. Ah! Gostaria que o sr. José de Figueiredo mandasse colocar os painéis conforme alvitrou o sr. Almada Negreiros».

Uma *manucure*, do *Chiado*, disse-nos enquanto nos rejuvenecia as pontas dos dedos: «Isto de ser *manucure* não é uma profissão por aí fora, mas não é desagradável de todo. Dá ensejos a bons casamentos, a maravilhosas metamorfoses de vida. Desgostos? Pontcos. Em 1930, esta minha profissão só me deu o desgosto de me obrigar a jogar a pancada com a esposa de um meu cliente, que vinha aqui tôdas as tardes, e me dava sempre cem escudos. Era um negócio da China!... Agora, não sei o que lhe possa dizer que mais me interessa para o ano que começou. Ah! Achei. Gostaria de ser aviadora. Era melhor voar nos braços de um homem? Não me parece. Havia sempre o perigo de uma queda no divórcio... e eu dou-me muito bem com os meus hábitos de solteira».

Depõe, como ponto final dêste inquérito, uma adeleira. Anda por aqui, por ali, a comprar e a vender roupas usadas. Leva já vinte e cinco anos de profissão. Encontramo-la na rua do Norte, e ela confessou-nos: «Hum! A minha profissão morreu!... Já ninguém quer intermediários para vender trapos usados. Tenho tido imensos desgostos... No ano que acabou, um barbeiro a quem tinha vendido o fato de um banqueiro que se suicidara, resolveu morrer um dia depois de me pagar a primeira prestação. Um grande prejuizo! Para 1931? Gostava de vender um enxoval de noiva... Mas... já ninguém casa! Isso!... E disse!



A Sr.ª X., adeleira de seu officio

ambição para 1931!...

GUEDES DE AMORIM.

MOTODES



Uma vista geral do Salão de Aeronautica ultimamente realizado em Paris, no Grand Palais (Foto Orrios)

À GUIA DE PREAMBULO

Dizer que o automóvel é uma das grandes conquistas da civilização, é já um lugar comum. Uma das poucas grandes conquistas, podemos acrescentar, que neste primeiro terço de século se têm realizado, no tocante a comunicações entre povos. A que se lhe seguiu, a das estradas do ar, teve bem chegada origem nas estradas terrestres.

Sem o motor do automóvel, potente e leve, pouco a pouco aumentando na força e diminuindo no peso, o aeroplano não teria esboçado os primeiros passos e não seria hoje um dos mais soberbos meios de comunicação.

Curioso é de constatar que se, alguns séculos atrás, houve idealistas que sonharam em voar, nenhum houve, ou dêles não reza a história, que pensasse em melhorar as comunicações por estrada, traquitanas, séges, diligências, pondo de parte a tracção animal. Talvez porque voar era um ideal mais alto!

Os poetas de então cantavam o amor e as estrelas e não desciam às coisas terrenas!

E a tímida donzela que o amor desvairara, sorvia a fortes haustos o ar da liberdade, levada na garupa dum fogoso corcel, cingindo os débeis braços à cintura de aquêle que pelo coração soube vencê-la.

Hoje, se a impaciência do amor tem fim no raptó, este é mais seguro, e sobretudo

mais cómodo, num roadster de 8 cilindros com carrosserie Gallet.

E ela mesma, com mão firme, cuidará do volante enquanto elle lhe sussurra ternas palavras de amor e paga a gasolina nas bombas da Vaenum.

A emancipação da mulher, a vitória do

feminismo, deve-se, em grande parte, ao automobilismo. As modas que tanto a libertam de movimentos, a saia curta, o cabelo cortado, têm por causa directa, o automóvel, e é, numa palavra, pelo desporto automobilista que a mulher contemporânea transformou os seus arcaicos costumes e tão rapidamente evoluiu na sua liberação física e moral.

Segundo rezam as sagradas escrituras, Deus tirou, um dia, surrateiramente, uma costela a Adão e dela fez a mulher. Adão, não levou a bem ter ficado com uma costela a menos e longe de se mostrar grato a Deus por o ter tirado do isolamento em que vivia, e tratar com carinho a sua companheira, fez dela a serva, certo de ser obedecido, fiado nos fortes bíceps.

Foi-se o homem arrogando o título de senhor do mundo, falador, batalhador, em suma, zaragateiro na língua e no gesto.

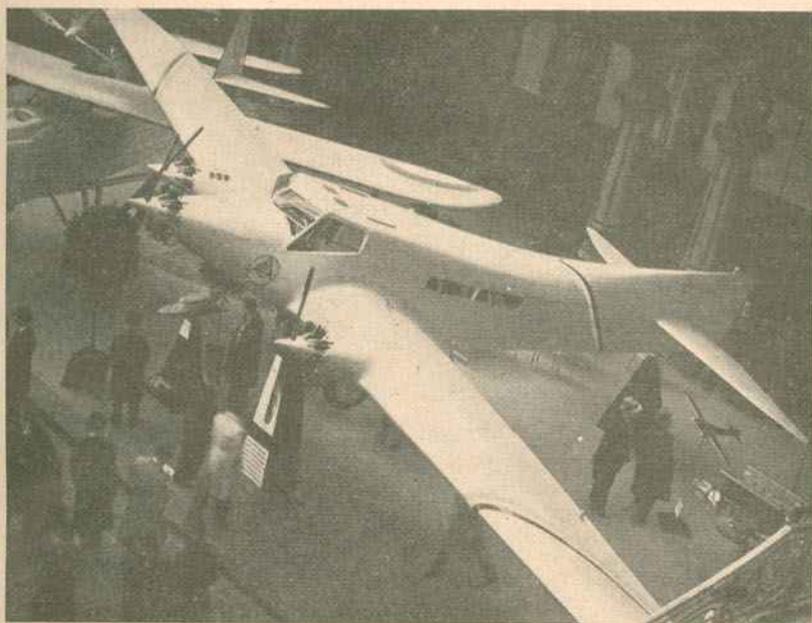
E como via a mulherzinha companheira, humilde e resignada, tal arrogância foi tomando que passou a olhá-la como coisa sua pertença, sem mais vontade que a de amar, sem mais direito que o de sofrer.

E desde Adão, a mulher tem sido a escrava do homem e, resignada tem sofrido, tomando abnegadamente sobre os ombros o peso da malfadada dívida da costela, resolvendo-se a pagá-la em obediência e resignação.



No Salão da Aeronautica — O novo tipo do hidro-avião DH27, transatlântico

(Foto Orrios)



No Salão da Aeronáutica — O avião ultra-moderno de Conquest, um dos modelos mais apreciados (Foto Orrico)

Orgulhoso da força, cego de egoísmo, não deu fôlego à conta que a dívida, pouco a pouco se amortizava.

Tão pouco notou a influência que a escravidão exercia na sua vida. E se às vezes, mais pelo instinto que pelo cérebro, se apercebia que mais obedecia que mandava, olhava confiado os músculos, media com olhar desdenhoso as débeis carnes da companheira e sorria com compaixão. Mas, oh homem forte, a costela que lhe deste, era pobre de vitaminas mas continha o germen da astúcia.

E quando a máquina surgiu por fim, fruto do homem e seu orgulho, tão potente na acção, tão suave no manuseio, logo a mulher viu que os seus débeis músculos a poderiam dominar, com vantagem igual.

Julgou-lhe o homem fraco o ânimo a par do fraco físico. E quando deu pelo engano, era demasiado tarde. A mulher tinha por fim, pago a costeleta. Depois aproximou-se, receosa primeiro, mais afoita logo, da máquina do seu ex-creador e ainda seu senhor, premiu o botão da *mise-en-marche*, apoiou o pé minúsculo no acelerador e, mão firme no volante, o olhar vivo penetrando o horizonte, ela corre, só, pela estrada, sedenta de luz, de liberdade.

De reparo é que esta nova secção seja encimada pela palavra motores e dêle quâsi se não ocupe.

Que o leitor que a lê, confiado na *en-tête*, nos desculpe. Que o automóvel, longe de ser aquêl monstruoso, só a músculos possantes obedecendo, é hoje tão dócil, de tão fácil comando, e, simultaneamente, de tal elegância e conforto, que dir-se-ia ter sido criado, aperfeiçoado e alindado para exclusivo uso das mãos femininas. Em outros números desta revista, entraremos a fundo no árido campo dos cilindros, bronzes e bielas.

Hoje a tentação foi mais forte que a nossa vontade; quisemos aliar à grande conquista do século, o automóvel, aquela que pela sua graça, pela sua elegância, sonho tem sido de conquista, através os séculos, a mulher.

Que os homens e as senhoras nos perdoem. Amen!

R. LACERDA.

NOTICIÁRIO

I — Asas gloriosas

A aviação italiana iniciou com felicidade um *raid* de excepcional envergadura: Uma

esquadrilha de 12 hidro-aviões sob o próprio comando do ministro da Aeronáutica propõe-se realizar o *raid* da Itália ao Brasil.

Esta empresa tem, sem dúvida, um interesse mundial e constitui um alto significado para a nação italiana.

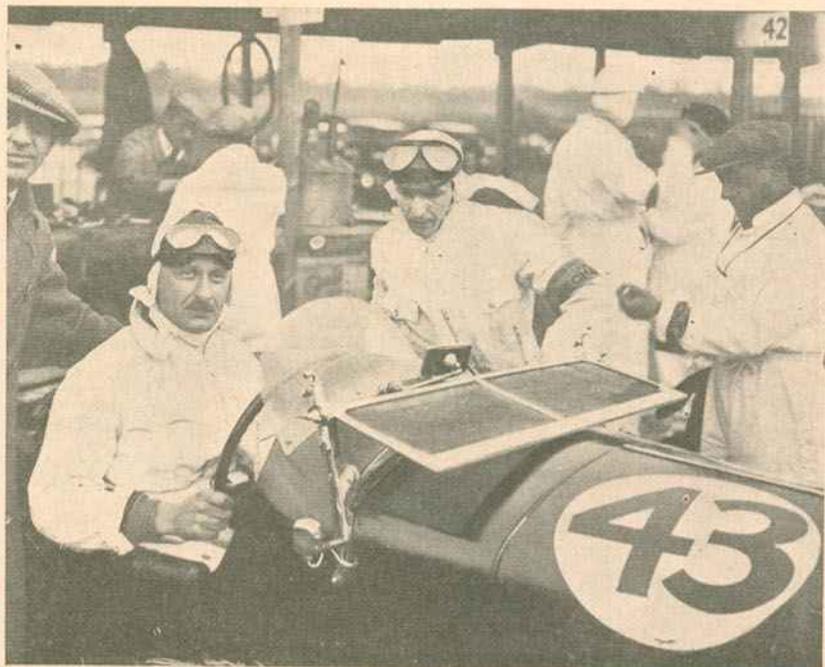
Os doze aparelhos da esquadrilha são equipados com motores Fiat «A. 22 R.», os quais representam a síntese máxima da técnica construtora no campo da aviação mundial.

II — Asas portuguesas

Os *raids* sucedem-se, afirmando a extrema potencialidade da nossa aviação. Depois da linda viagem do *Marão*, coroada, no campo mundial, pela apresentação do primeiro avião construído em Portugal, na Exposição de Paris, está em marcha decididamente, a interessantíssima viagem aérea a Angola, com volta pelo ar, que vai ser levada a efeito, em avioneta ligeira, pelos aviadores arrojadados e competentes que são o civil Carlos Eduardo Bleck e o tenente Humberto Cruz, viagem que tem o mais alto significado patriótico, além de ser de decidida importância para o estabelecimento, que se anuncia próximo, de carreiras aéreas regulares a ligar a metrópole com as suas colónias africanas. *Ilustração* saúda, ao iniciar esta sua nova secção, os aviadores portugueses em cujo livro de ouro estão assinaladas tantas proezas de alto valor técnico e heróico.

III — Revistas da especialidade

Esta secção, que não pretende, evidentemente, invadir, arbitrariamente, o campo da imprensa técnica da especialidade, mas sim exercer, rasgadamente, a missão informativa que lhe está reservada dentro da *Ilustração*, grande conjunto de informação eclética, saúda tôdas as revistas que, nos diversos campos, pugnam pela causa do motor.



O corredor Kaye Don, que foi o mais temível rival do malogrado Major Segrave, tendo ao seu lado o mecânico G. B. Long com quem vai tentar bater vários records do mundo em Brookland (Foto Orrico)

LIVROS

Reatando as minhas relações, há meses interrompidas, com os meus pouquíssimos mas fiéis leitores, venho encontrar-me com uma embaraçosa situação.

O atraso sofrido nesta secção vai dar azo, agora, a uma aglomeração de notas críticas que, talvez, vão abusar da paciência do leitor, por muito amenas que as queiramos, e também a muitas falhas, de que pedimos desculpa aos autores que nos têm enviado as suas produções. O caso é que, para a solução total forçoso foi adoptar um processo arbitrário mas prático. E é

ele não distinguir entre géneros literários nem procedências, não atender, sequer, a razões de prioridade.

Contos, de Júlio Dantas, é, decerto, o livro com maior sucesso de venda nestes meses últimos. Não faz mais do que seguir a tradição dos seus manos mais velhos, porquanto o novelista insigne de *O amor em Portugal no século XVIII* é, justamente, considerado um dos autores que, sem deixar de ser um escritor requintado, de *elles*, mais público, massa de público, tem em seu redor. A sua especial categoria de presidente do nosso conclave de imortais, se não lhe conferia o talento, no caso de o não ter, confere-lhe, decerto, uma anéola que diremos comercial, e que os livreiros, muito justamente, exploram. No entanto, insisto, não é essa alta função que transmite ao dr. Júlio Dantas as suas maravilhosas qualidades de escritor, o domínio da lingua portuguesa, prosa castigada e elegantíssima, sem ser, nem por momentos, *pastiche* de vernáculo nem acrobacia adamiada, um fino dom de observar as meias tintas do grande fresco da sociedade moderna, um subtil poder de provocar a emoção sentimental ou o sorriso espiritual, que é a forma civilizada do gargalhar animal. Estamos em face de um dos primeiros escritores portugueses pelo seu *virtuosismo* excelente e, nestes *Contos* en-

contramos, a cada passo, retalhos da melhor qualidade do estilo característico do eminentemente artista.

No país vizinho, em plena evolução (quando não em pródromos de revolução), adquirim especial relevo as formas literárias ensaio, polémica e crítica. A novela, confinada durante uma larga época, a morbidades sexuais, arremedos indignos de Felipe Trigo e da escola francesa, decaiu, à parte a obra imorredoiira de dois ou três, para as publicações populares para ler no eléctrico. Em contraposição, os estudos filosóficos, críticos ou sociais, adquiriram leitores inúmeros entre o grande público espanhol, consciente da hora de intensa renovação que a fatalidade universal está impondo a todos os povos que não queiram extinguir-se. O período de ditadura de Primo de Rivera, há pouco findo, com as suas medidas de censura jornalística e literária, incubou uma enorme reacção da parte dos homens de letras e de pensamento, mais em contacto com as realidades da vida moderna, e, portanto deu origem, após a sua queda, à publicação de muitas obras de crítica aos seus anos de predomínio e à sua acção nos vários campos da actividade política e social. Um dos livros mais interessantes, sob esse aspecto, é *La ditadura en Marruecos*, obra vibrante do redactor financeiro da *Libertad*, Hernandez Mir, que, de *visa*, seguiu no norte de África a acção do chefe do directório militar, e vem repôr, em bases de verdade, aquilo a que, especulativamente, se chamou a «pacificação de Marrocos sem sangue nem derrota...» Livro altamente notável e depoimento histórico do maior valor.

Portugal, país de poetas e de poesia, parece ter deixado morrer, nos seus anos últimos, as tradições da raça neste capítulo sentimental. Dos saudosistas para cá, à parte uns débeis bruxoleios de fugaz duração, Portugal não tem dado poetas. Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira e, sobretudo, Pascoais, que passa tódas as fronteiras, não terão quem lhes suceda?... Parece caber a vez à escola de Coimbra de fazer ressurgir a poesia rática. Poesia nova, de resto, sem imitações servis e também, louvado Deus, sem aberrações. O grupo «Presença», onde avultam alguns nomes de considerar e, em especial, João Gaspar Simões, como ensaísta já notável, parece condensar tódas as possibilidades de ressurgi-

mento poético, pelo menos na presente ocasião. E é José Régio, um dos chefes dessa moça pléiade, que, por direito próprio, se vem impôr com este seu livro *Biografia*, como uma forte realidade. Sonetista de pulso, poeta de uma sensibilidade curiosíssima, num justo equilibrio entre o árido filósofo de rima dura e o flébil artista de rima cantante e cabeça ôca, todo superficialidade, José Régio, embora longe da perfeição a que pode aspirar, dá-nos um volume forte, original, veemente, em que há sonetos simplesmente formidáveis. A citar, entre outros, «Lucifers», «Peccado original» e «Imortalidade», dignos de antologia.

Trazer até aos pequeninos e ao povo ingénuo e rude qualquer sôpro de beleza, um clarão de luz do espírito, o aroma delicado de uma flor ou a linha deliciosa duma artista é, no mais alto grau, praticar o bem, luminosamente. Aos pequeninos, abri-lhes horizontes novos para a sua ansia, aos que na labuta negra mergulham a vida, dar-lhes norte e fito, é criar-lhes esperança, illusória que seja, mas bendita, duma vida melhor, a da alma. Mas quando ao povo e aos pequeninos se leva, não uma fugaz scentella de beleza mas um universo de grandeza artística e literária como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, passa o generoso doador de tal alegria a merecer o reconhecimento nacional. Este reconhecimento tem que ser outorgado ao dr. João de Barros, poeta dos mais altos e portugueses lúcido, que acaba de publicar uma parafraze em prosa do poema épico que é a Biblia da Nacionalidade, reduzido a uma linguagem nobre mas singela, harmoniosa mas corredia e suave como um regato múrmuro. E como as crianças e os pouco letrados hesitariam muito antes de empreender a leitura do grande épico aventureiro, mas não podem hesitar ante a delícia editorial que agora se lhe oferece, em que colabora, com desenhos excelentes, o excelente ilustrador Martins Barata, teremos que o dr. João de Barros terá, dentro em pouco, conseguido realizar uma formidável obra de instrução nacional, incutindo em muitos milhares de pessoas e na alma das crianças portuguesas, todos os ensinamentos de beleza e de patriotismo que *Os Lusíadas* encerram, deixando o apreço da sua alta formosura literária para os que, mais preparados, vão directamente à fonte borbulhante e cristalina da obra original.

Barros Ferreira, um português que vive no Brasil, sentiu-se, em terras de Além-Atlântico, contaminado pelo *virus* literário. E como é, decerto, um homem de lúcida inteligência, apresentou-se com um trabalho sem espaventos mas de merecimento bem firme. Sob o título *Semeadores da Virtude*, recolheu, do *Flos Sanctorum*, um punhado de vidas de Santos. Mas não trouxe senão aque-



F. Hernandez Mir

BIOGRAFIA



josé régio





O último retrato de Luís de Oteiza

las vidas simples, humanas, suaves, que comovem muito docemente e que são as vidas dos Santos que, de bons e santos, ficaram santos menores, juntando a modéstia da sua santidade às outras virtudes que neles Deus depositou. É muito belo, este livro de Barros Ferreira. E pela simplicidade da escrita e beleza dos temas, constituiu um magnífico presente de mães para filhas neste início festivo de Ano Novo.

Luís de Oteiza não é um nome desconhecido do nosso público. Grande jornalista, o mais sagaz e audaz repórter da Espanha, viajero infatigável, amigo de Portugal e dos portugueses, hoje o mais alto valor da literatura de imaginação da Península, Oteiza é um literato de uma avassaladora simpatia. Cabe a honra à *Ilustração* do mais estreito contacto deste belo artista, deste grande novelista de emoção, com o público português. Em breve mesmo, a sua obra prima, *O diabo branco*, já traduzida para doze línguas mundiais, em vésperas de constituir o argumento dum filme grandioso na Cinelândia, verá a luz da publicidade em língua portuguesa, na tradução do nosso camarada Novais Teixeira. E, entretanto, o grande jornalista, em viagem incessante pelo mundo, de regresso da América Central e de caminho para os Estados Unidos, acaba de lançar a público, numa edição magnífica, sugestiva de apresentação, mais uma novela de aventuras, *O tesouro dos Cuhautemoc*, contada na sua maneira característica e que constitui mais um verdadeiro triunfo, pela sua amenidade, pelas qualidades magníficas de inventiva, de construção, de desenfadado e humorismo que revela a cada passo. Pode dizer-se que

O tesouro dos Cuhautemoc, no género literário de imaginação e emoção, é a obra mais perfeita do passado ano editorial na Península.

Seria curioso averiguar, numa estatística, qual o livro para crianças que, no período do Natal, que ago-

ra finda, mais se terá vendido. Conseguir-se-hia, assim, de forma rápida, obter uma indicação prática sobre o valor das obras à venda e sobre o que conviria, de futuro, editar, para conseguir o justo matiz que se necessita apresentar na literatura infantil. Se esse inquérito, no que se refere a este ano, me dissesse que batera o record das vendas *O pretinho de Angola*, o formoso voluminho de César de Frias, não me causaria surpresa alguma. É que a graciosa historietta possui todas as qualidades para um agrado absoluto, desde o delicado voo da imaginação, seguindo linhas simples, no alcance das crianças, como a simplicidade sem esforços da parlenda escrita, numa ténue musicabilidade embaladora. E não duvido que, neste último Natal, César de Frias tenha passado por um magnífico e amoroso Pai Natal para todos os petizes contemplados com o seu formoso *Pretinho de Angola*.

Assim como Portugal nunca foi país de grandes escultores como Espanha, nunca o vizinho país foi terra de grandes gerações poéticas. As excepções, de um e outro lado,



António Obrégón

não fazem senão confirmar a asserção. Raro o livro de versos espanhóis que, do romantismo a esta parte, é mais alguma coisa do que uma difícil expressão de concepções intelectuais ou metafísicas sempre pouco claras e quasi sempre faltas de harmonia e beleza. Especialmente as novas escolas de poesia espanhola,

revelando muitas mentalidades fortes, muitos artistas geniais, poucas vezes têm revelado poetas sequer medianamente dotados de sensibilidade capaz de se comunicar ao leitor. Escultores, sempre escultores de primoroso labor mas trabalhando a mesma pedra fria, gelada, bruta. É o caso de António Obrégón, cujo volume *El campo, la ciudad y el cielo*, embora contenha, a espaços, coisas notáveis, não



Frederico Carlos Sainz de Robles

conseguiu dissipar em mim a impressão que acima deixo. Ritmo, originalidade, uma visão clara e aguda das coisas e dos ambientes, poder reflexivo, mas, ao que me parece, excesso de disciplina intelectual aniquilando o arrebatamento sensorial, a expressão poética, enfim, do mundo de beleza que lhe vai no cérebro sem tocar o coração.

Ao mesmo tempo nos chegou de Espanha um outro volume, este uma novela humorística de Frederico Carlos Sainz de Robles, com o pitoresco título de *La decadencia de lo azul celeste—Noveleria cursi*. Pertence o autor, nitidamente, à mais avançada camada de escritores modernos da nação vizinha e traz consigo todos os defeitos e todas as qualidades dessa escola nova. Aparte o título, extraordinariamente feliz, o humorismo desta novela fica na intenção. O resto é uma massacrada sequência de paradoxos e das temíveis «greguerias», mais ou menos disfarçadas, que nunca desperta um sorriso espontâneo. O humorismo das modernas camadas é, paradoxalmente triste.

É pena que o todo de *La decadencia de lo azul celeste* não corresponda ao intento do autor e ao seu verdadeiro mérito a muitos trechos apreciabilíssimo.

Outro poeta da *Presença*, o buliçoso e curiosíssimo grupo coimbrão, vem até nós. É Edmundo de Bettencourt, com uma plaqueta de versos *O momento e a legenda*, onde há poemas, na verdade notáveis, denotando no seu autor um pensamento em formação mas que já tateia caminhos muito pessoais, sentido claro do ritmo poético, sensibilidade meridional mas inteligência, inteligência que não asfixia a mínima parcela da sensibilidade, antes lhe confere uma personalidade forte e independente.

As conferências costumam, quando muito, durar o espaço de tempo que vai da sua primeira à última palavra. E se revivem, nos

dias imediatos, nos relatos da imprensa, já aparecem descoloridas, agonizantes, prestes a desaparecer da scena literária. Quando muito, delias ficam algumas *blagues* repentistas, alguma afirmação escandalosa ou de refutação certa. Há, porém, conferentes impregnados da seriedade incontestável da sua missão e dotados de reais faculdades de

OLDEMIRIO CÉSAR

Minhas senhoras e meus senhores...



SETE CONFERÊNCIAS

escritores ou jornalistas que, elaborando as suas conferências com consciência e arte, com probidade e donaire, logram que elas resistam mais tempo, merecendo até a publicação em volume, onde tomam o aspecto grato e prestante de pequenos ensaios ou pequenos estudos. É o caso de Oldemirio César, um dos nossos jornalistas mais brilhantes, espírito de uma cultura e de um recorte invulgares e que publica agora, em cuidada edição, um conjunto de sete conferências sob o título *Minhas senhoras e meus senhores...* São belos pedaços de jornalismo literário, sugestivos, cheios de emoção interior, chegando à veemência panfletária, trechos que se lêem ainda com agrado, a-pesar do tempo que, sobre eles, tem passado.

CESAR DE FRIAS

O PRETINHO DE ANGOLA

Porque têm os charutos, em geral, uma cinta em volta?

Quando primeiramente se fizeram, em Cuba, os charutos, estes eram sempre fumados ainda frescos ou húmidos. Os espanhóis elegantes daquele tempo usavam luvas de pelica branca e para protegerem as suas luvas de alguma nódoa da nicotina, os fumadores adoptaram a idéa de enrolar um pedacinho estreito de papel branco em volta dos charutos.

Em seguida, os negociantes de charutos começaram fornecendo êles próprios as cintas de papel, e não levou muito tempo sem que êsses negociantes compreendessem a im-



portância de collocarem o seu nome ou o carimbo da sua firma, nas cintas, como reclame.

O MAIS CONVENIENTE

Um lavrador foi acompanhar a mulher ao dentista.

— Quanto leva por chumbar um dente? — perguntou êle.

— Cinquenta escudos.

— E quanto por tirar?

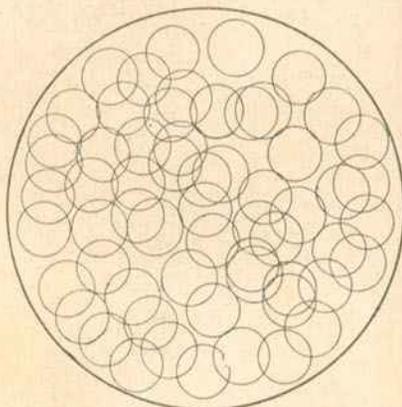
— Vinte escudos.

— Ó Maria — disse o lavrador virando-se para a mulher — então o melhor é tirá-lo.

— Aqui tem a fotografia dos meus dois filhos gémeos...

— Mas... só vejo um!

— É que... como são iguais... não valia a pena retratar os dois!...



OS SETE CÍRCULOS
(Problema)

Colocámos nesta circunferência um certo número de círculos. Dividam-na em duas partes iguais e simétricas, de tal modo que o traço que fique separando as duas metades de circunferência corte, exactamente pelo centro, sete círculos.

— Metade da humanidade não sabe como a outra metade vive — observou o filósofo.

— É boa! — exclamou o scéptico. Não sabia que havia tanta gente que se não importava com a vida alheia!

— Vamos lá a ver, então, quem é que está lá mais tempo à espera? — perguntou o dentista, com ar jovial, ao abrir a porta do seu gabinete para a sala de espera do consultório.

— Creio que sou eu — respondeu logo o alfaiate, apresentando a conta. Há três anos que lhe entreguei êsse fato que V. Ex.^a está usando.

Bonifácio: — Minha mulher não tem nada de parva, fica sabendo.

Anselmo: — Então, por que demónio casou ela contigo?



O professor: — Qual é o melhor lugar para ter o leite guardado, para evitar que êle azéle?

O discípulo: — Dentro da vaca!

D. Laurcana: — Venha a minha casa, um dia dêstes, que me dará muito gosto. Fica tão perto da sua! Moro aqui mesmo ao virar da esquina.

D. Felismina: — Agradeço-lhe muitíssimo, mas desde que temos o nosso automóvel novo, nunca visito ninguém que more a menos de duas ou três léguas de distância.

Ela: — Se disserem qualquer coisa a um homem, entra-lhe por um ouvido e sai-lhe pelo outro.

Ele: — E se disserem qualquer coisa a uma mulher, entra-lhe pelos dois ouvidos e sai-lhe pela boca.



NÃO HAVIA RAZÃO PARA SUSTOS

A mãe: — Onde está o Antoninho?

O irmão mais velho: — Ah! Não lhe dê cuidado, mamã; está dentro do bonco de neve!

A Alta Sociedade Europeia e os Produtos

NALLY

Autógrafo extraído do «Livro de Ouro»
de NALLY da Senhora Condessa Gina
Mariotti:

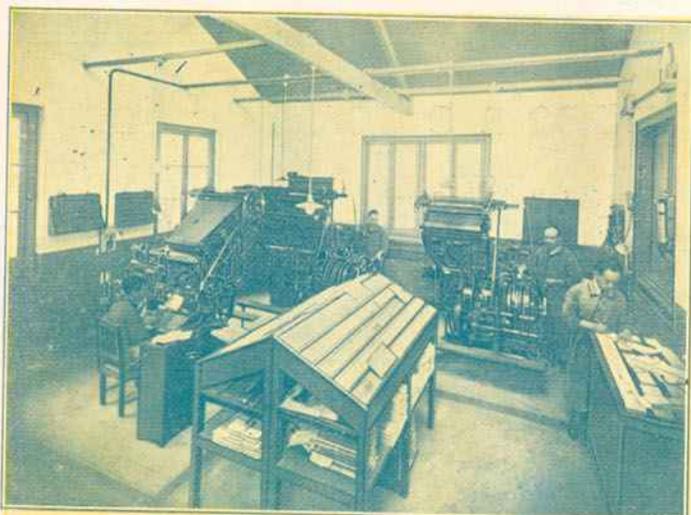
Les parfums Nally synthétisent
le plaisir de vivre, tant leurs
senteurs profondes évoquent
la forêt printanière.
Comtesse Gina Mariotti
12 Avril 1930.

Tradução:

«Os perfumes NALLY sintetizam o prazer de viver, tanto os seus profundos aromas evocam a floresta primaveril».

Os PRODUTOS NALLY, de perfumaria e beleza, obtiveram de Rainhas, Princesas e Aristocratas referências únicas até hoje, EM TODO O MUNDO!

Jâmais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegância, e isso, só por si, coloca a marca NALLY acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

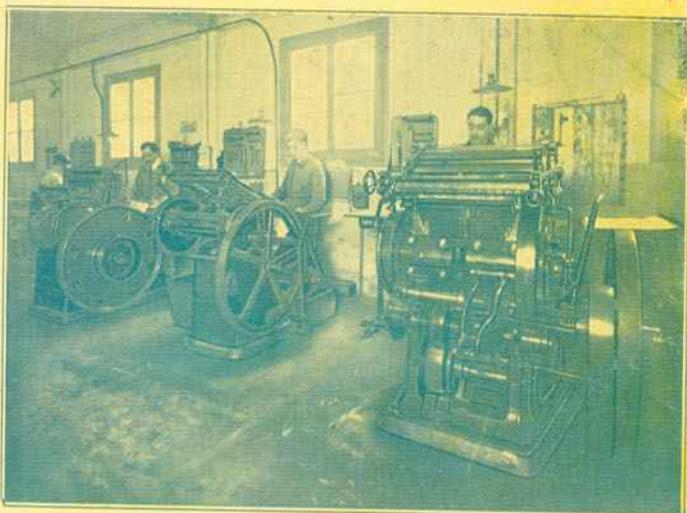
As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine Bertrand, O Volante, Historia da Literatura Portuguesa (Ilustrada), O Comercio Português, Revista Aéronáutica Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão